



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

VALÉRIA CAMPOS DA SILVA

**“APARECERA EM MIM MEU MESTRE”
UM ESTUDO DA HETERONÍMIA EM FERNANDO PESSOA E UMA LEITURA DE
O GUARDADOR DE REBANHOS DE ALBERTO CAEIRO**

Delmiro Gouveia – AL

2021

VALÉRIA CAMPOS DA SILVA

**“APARECERA EM MIM MEU MESTRE”
UM ESTUDO DA HETERONÍMIA EM FERNANDO PESSOA E UMA LEITURA DE
O GUARDADOR DE REBANHOS DE ALBERTO CAEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca examinadora do curso de licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre Morais Cunha

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586a Silva, Valéria Campos da

“Aparecera em mim meu mestre” um estudo da heteronímia em Fernando Pessoa e uma leitura de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro / Valéria Campos da Silva. - 2021.
60 f.

Orientação: Marcos Alexandre Moraes Cunha.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Literatura Portuguesa. 2. Pessoa, Fernando, 1888-1935. 3. Caeiro, Alberto, 1888-1935. 4. O Guardador de Rebanhos. 5. Gênero epistolar. 6. Cartas. 7. Heteronímia. I. Cunha, Marcos Alexandre Moraes Cunha. II. Título.

CDU: 82-6(469)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS CAMPUS DO SERTÃO
COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO - COGRAD
**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO**

Aos dois dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte um, às 15 horas, sob a Presidência do(a) Professor(a) Marcos Alexandre de Moraes em sessão pública virtual pela Conferência Web da RNP (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa), reuniu-se a Banca Examinadora de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **APARECERA EM MIM MEU MESTRE. UM ESTUDO DA HETERONÍMIA EM FERNANDO PESSOA E UMA LEITURA DE O GUARDADOR DE REBANHOS DE ALBERTO CAEIRO**, da aluna **Valéria Campos da Silva**, sob matrícula 15112582, requisito obrigatório para conclusão do Curso de Letras – habilitação Língua Portuguesa, assim constituída: Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes (orientador); Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann (Examinadora Externa - UFAL) e Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Examinador Interno). Iniciados os trabalhos, foi dado a cada examinador um período máximo de 30 (trinta) minutos para a arguição à candidata. Terminada a defesa do trabalho, procedeu-se o julgamento final. Apuradas as notas, o(a) candidato(a) foi considerado(a) aprovada com média geral 9,5 (nove e meio). Na oportunidade o(a) candidato(a) foi notificado(a) do prazo máximo de 30 (trinta) dias, a partir desta data, para entregar a Coordenação do Trabalho de Conclusão de Curso, devidamente protocolada, a versão definitiva do trabalho defendido, em duas vias, impressas e encadernadas e uma cópia em meio digital (CD-ROM) com as correções sugeridas pela Banca. Nada mais havendo a tratar, os trabalhos foram encerrados para a lavratura da presente ATA, que depois de lida foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Delmiro Gouveia/AL, 02 de fevereiro de 2021.

Orientador

Marcos Alexandre de Moraes
Prof. – UFAL

1º Examinadora
Externa

Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann Profa. - UFAL

2º Examinador
Interno

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva Prof. – UFAL

Quero dedicar este trabalho primeiramente a Deus, por ser a luz da minha vida, o senhor do meu destino e de todas as coisas que habitam na terra, ao meu pai Joãozinho, a minha mãe Graça, e aos meus irmãos Valério e Vanessa que me apoiaram durante esta caminhada acadêmica.

Dedico este trabalho também aos meus avós maternos e paternos, Custódio (*in memoriam*), pois sei que não tiveram oportunidades para os estudos, mas graças a eles, hoje pude alcançar este privilégio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Marcos Alexandre Morais, pela eficaz orientação em meu estudo, pelos textos sugeridos, e principalmente por ter aceitado o convite em ser meu orientador.

Aos professores do curso de Letras por seus conhecimentos e vastos embasamentos que muito agregaram na minha formação enquanto estudante e pessoa, bem como por suas aulas brilhantemente ministradas que trouxeram não só aprendizado e discussão como também interação e entretenimento.

Aos colegas de curso, Camila, por ter sido minha dupla nos trabalhos do início do curso ao fim, de me apoiar e de suportar meus estresses. Rakel, Janaína, Luciana que estiveram comigo nos períodos iniciais; Lucy, por ter me acolhido e ajudado com os trabalhos, no período em que estivesse em outra turma (na turma dela). Jeferson por ter sido “porta-voz” da minha turma de origem e sempre prestativo com todos. A Herlanne, por ter sido tão presente nesta etapa final. A vocês muito obrigada.

À Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – *Campus* do Sertão onde pude ingressar neste sonho de ter um diploma de nível superior, bem como todo o aprendizado e o ser humano que me tornei depois de ter estado nesta instituição, e certamente me orgulho do que nela vivenciei (choros, alegrias, tenções pré – seminários, descobertas, alertas, etc) toda essa construção me faz sair uma mulher consciente do meu papel social, diferente de quando entrei para a universidade, onde tinha o pensamento limitado. Pós-UFAL, ousou dizer que abri os olhos para enxergar novos horizontes.

“Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumprir contra o Destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumpro.”

(PESSOA, 2003, p. 29)

RESUMO

Pode-se dizer que a heteronímia no poeta português Fernando Pessoa é um caso singular dentro da literatura ocidental. Não há registros de outros poetas tão múltiplos. Desde a juventude na África do Sul à maturidade em Lisboa, são mais de cem poetas com personalistas e estilos distintos. Alguns casos chegam ao requinte de uma complexa biografia. Neste percurso, destaque para tríade formada por Ricardo Reis, o latinista, Álvaro de Campos, o modernista e principalmente Alberto Cairo, aquele que viria a ser, nas palavras do próprio Fernando Pessoa, o seu mestre. Comumente, a carta enviada ao amigo Adolfo Casais tem sido apontada como o documento mais simbólico e elucidativo da heteronímia pessoana. A epístola não se limita às impressões literárias, mas a todo um arcaboço de mundo passando pela visão mística, filosófica e estética do poeta. Nela Fernando Pessoa narra a gênese de seus heterônimos naquilo que seria “o dia triunfal da minha vida. Deste modo, reivindicamos aos textos epistolares de Pessoa, notadamente a sua carta a Adolfo Casais Monteiro a natureza de um texto literário, tendo em vista toda a sua função estética e mesmo a sua condição ficcional. Propomos ainda uma leitura mais de perto de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro, naquele que é o seu poema mais célebre. O referido trabalho foi realizado e desenvolvido através de estudos de literatura já existente sobre a temática proposta, para isso foram utilizados trabalhos em fidedignos repositórios de Universidades no Brasil e de Portugal, livros, e outros meios como CIELO, Google Scholar, entre outros. Para que houvesse uma melhor compreensão, o estudo teve diversas contribuições e estudos realizados por Moisés (2004-2008), Massuno (2010), Cavalcanti Filho (2012), Penteado (2012-2017), Bezerra (2016), entre outros que contribuíram de forma valiosa para a construção desse estudo.

Palavras-chave: Gênero epistolar; Fernando Pessoa; Heteronímia; Alberto Caeiro.

ABSTRACT

It can be said that heteronymy in the poet Portuguese Fernando Pessoa is a singular case within Western literature. There are no records of other poets so multiple. From youth in South Africa to maturity in Lisbon, there are more than one hundred poets with different personalities and styles. Some cases come to the refinement of a complex biography. In this route, highlight to triad formed by Ricardo Reis, the Latinist, Álvaro de Campos, the modernist and especially Alberto Caeiro, who would become, in the words of Fernando Pessoa himself, his master. Commonly, the letter sent to friend Adolfo Casais has been pointed out as the most symbolic and elucidative document of Pessoa's heteronymy. The epistle is not limited to the impressions of literature, but to an entire archaic world through the mystical, philosophical and aesthetic view of the poet. In it Fernando Pessoa narrates the genesis of his heteronyms in what would be "the triumphal day of my life. Thus, we claim to Pessoa's epistolary texts, notably his letter to Adolfo Casais Monteiro, the nature of a literary text, in view of its aesthetic function and even its fictional condition. We also propose a closer reading of Alberto Caeiro's *The Keeper of Herds*, in what is his most famous poem. This work was carried out and developed through studies of existing literature on the proposed theme, for this we used works in reliable repositories of Universities in Brazil and Portugal, books, and other means such as CIELO, Google Scholar, among others. In order to have a better understanding, the study had several contributions and studies conducted by Moisés (2004-2008), Massuno (2010), Cavalcanti Filho (2012), Penteadó (2012-2017), Bezerra (2016), among others that contributed in a valuable way to the construction of this study.

Keywords: Epistolary gender; Fernando Pessoa; Heteronymy; Alberto Caeiro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 GÊNERO EPISTOLAR	14
2.1 Na Carta ao amigo Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa esclarece a gênese dos seus heterônimos.....	15
3 OUTRO – HETERÔNIMO	20
3.1 Diferenciação do louco e do poeta em seus heterônimos.....	23
3.2 Heteronímia	25
3.3 A Heteronímia em Pessoa.....	26
3.4 A obra pessoana em sua singelidade, pureza e maestria	32
4 O GUARDADOR DE REBANHOS DE ALBERTO CAEIRO	36
4.1 A natureza, o sensacionismo e a filosofia.....	38
4.2 Deus como abstrato, paganismo como essência, o cristo por Caeiro	42
4.3 O sentimento real em forma de poema.....	46
5 HETERÔNIMOS BRASILEIROS: EXISTEM “OUTROS” DANDO CONTINUIDADE A OBRA DE FERNANDO PESSOA	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

O processo de criação sobre o qual se desenvolveram a filosofia e as artes, dentre elas a literatura, vem desde a Grécia antiga com nomes como Platão, Aristóteles e Pitágoras. Neste andamento, a criação artística parece provir da ânsia humana de se transferir para um universo interior e deixar aflorar os seus verdadeiros sentimentos.

Os gregos desenvolveram o conceito de mimese, ou seja, uma reprodução artística da realidade. A arte enquanto um artifício não espontâneo, algo mecanizado, uma cópia.

Como um processo natural, os helênicos deixaram o seu legado à toda a cultura ocidental. Fernando Pessoa foi um desses discípulos que conheceu como poucos os princípios estéticos clássicos. Sua obra é também, e por isto mesmo, um diálogo com o grande cânone.

Como destacam Cavalcanti Filho (2012), Gebra (2015) e Carvalho (2019), a obra pessoana se constitui de seus escritos próprios, ortônimo, que é a obra não assinada por pseudônimos, e de seus heterônimos, num processo de criação artística que se deu através de máscaras. Deste modo, Pessoa se transferiu para o seu universo interior e permitiu sair para o universo exterior os seus “outros” para que produzissem e assinassem as suas próprias obras. Assim, já não existe uma identidade, mas “identidades”.

Este trabalho busca analisar o heterônimo Alberto Caeiro, do poeta e escritor Fernando Pessoa¹, tendo imprescindível destaque a carta escrita a Adolfo Casais Monteiro, também escritor e amigo de Pessoa, na construção destes perfis, além da obra O Guardador de Rebanhos.

Faz-se necessário conhecer o homem, o ser humano, o ortônimo Fernando Pessoa como indivíduo real que teve uma vida própria e experimentou diversas experiências, e por tê-las experimentado foi capaz de produzir uma obra com a sua própria assinatura e ao mesmo tempo criar máscaras para as suas outras produções artísticas, filosóficas e poéticas através de seus outros “eus”, da produção heteronímica pessoana, e com isso deixar para as gerações posteriores muito mais do que uma obra, mas um sentimento especial ao ler as suas obras através do “outro”.

Para a produção e o desenvolvimento desse estudo foram levantados problemas e como consequência disso, hipóteses que se desenrolam da seguinte forma: Qual a característica da

¹ “Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, 13 de junho de 1888 e morreu em Lisboa em 1935. Foi um poeta, filósofo e escritor português. Fernando Pessoa é o mais universal poeta português. Por ter sido educado na África do Sul, numa escola católica irlandesa, chegou a ter maior familiaridade com o idioma inglês do que com o português ao escrever seus primeiros poemas nesse idioma. Enquanto poeta, escreveu sob múltiplas personalidades, sendo estes últimos objeto de maior parte dos estudos sobre sua vida e obra”. Disponível em: www.academia.org.br/acervo/terminal/index.html. Acessado em 17 jul. 2019.

personalidade de Alberto Caeiro? Por que a existência desse heterônimo? A carta escrita a Adolfo Casais, corpus do trabalho, é fundamental para a análise deste estudo?

Para a justificativa levou-se em conta que as cartas sempre estiveram/se fizeram presentes na vida de Fernando Pessoa, desde seu momento Ortônimo até a expressão de seus heterônimos.

E ainda, o que poderíamos trazer à tona da obra literária de Fernando Pessoa que é considerada a de maior destaque na literatura portuguesa do século XX, sendo o mais importante/influente poeta do modernismo português?

Justificamos que este estudo não se dará em solucionar os enigmas pessoais, mas observar através do seu estilo o processo de criação dessa arte de ser o outro e a relação do poeta com as cartas.

A premissa deste estudo nasceu em função de um minicurso ministrado pelo orientador Marcos Alexandre Morais, onde apresentava a arte do poeta português Fernando Pessoa, trazendo as mais de cem personalidades criadas pelo escritor, e com isso, como o poeta pode estar influenciando até aos nossos dias outros sujeitos, pensando a respeito de outras personalidades que nossa psique cria.

Para que isso seja desenvolvido, teremos como o objetivo geral a análise do perfil/estilo poético de Fernando Pessoa e de seus principais heterônimos, e como os objetivos específicos: apontar as características de Alberto Caeiro no processo de escrita poética, tecer reflexões acerca da Carta a Adolfo Casais Monteiro, compreender o que levou Caeiro a ser considerado mestre de Fernando Pessoa e os outros heterônimos.

Desse modo, a metodologia do estudo foi feita por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, a fim de refletir alguns aspectos que estejam explícitos ou até mesmo implícitos na obra pessoana, no processo da construção poética.

Em procedência disto, compreende-se que há aprofundamentos, teorias e estudos científicos que visam desvendar os mistérios desse enigmático escritor em sua heteronímia e enquanto ele mesmo.

O trabalho tenciona compreender como se construiu tais perfis pessoais, tendo em vista a bagagem literária, filosófica e autêntica do escritor.

No tocante ao contexto histórico da época, século XX, consolida-se como movimento estético literário o Modernismo e com ele as tendências desta fase, bem como as vanguardas europeias que refletiam a ânsia sobre uma sociedade em busca do novo.

Assim, pretende-se fazer uma síntese sobre o gênero epistolar, ao qual se tem os mais sucintos registros de todo o trabalho literário dedicado por Pessoa durante boa parte de sua vida, ou seja, tem-se essa ligação de Fernando Pessoa com as cartas.

Nesse sentido, a heteronímia surge com o poeta como forma de um espaço a ser preenchido na vida solitária. À luz destas indagações, serão utilizados alguns referenciais teóricos para melhor fomentar, a saber Moisés (2008), Cavalcanti Filho (2012), Pereira (2014), Penteado (2017), entre outros. Desta forma, esta pesquisa pretende juntar-se a todo um corpo teórico já amplo sobre o modernista português, editor da revista *Orpheu*, visando compreender, em especial, os motivos de sua heteronímia.

Inicialmente apresentaremos o gênero epistolar para melhor entendermos o que seria esse estilo literário que Fernando Pessoa tanto usou em sua vida e que era importante para a construção de sua obra.

Em seguida, será abordada a carta enviada a Adolfo Casais que relata o sentimento pessoano em sua essência criativa, e dessa forma, levando a melhor compreensão de como surgiram os heterônimos de Pessoa, em especial Alberto Caeiro.

No terceiro capítulo, a heteronímia será explorada através de diversas contribuições de escritores que se dedicaram a englobar o processo de criação da heteronímia em Pessoa e a importância literária e poética desse escritor que escreveu a sua obra com diferentes olhares sobre as coisas. Desse modo, tal capítulo explorará a essência da criação de Fernando Pessoa através dos seus outros “eus”.

No quarto capítulo, será analisada a obra *O Guardador de Rebanhos*, escrita por Alberto Caeiro, heterônimo pessoano, o mestre do ortônimo e dos demais heterônimos. Será estudada ainda a visão de Caeiro sobre a vida, os sentimentos, a religiosidade e o paganismo, e desse modo, levando a perfeita percepção do estilo literário de Fernando Pessoa através do seu mestre.

Também se fez necessário um quinto capítulo para mostrar que ainda existem outras pessoas no mundo produzindo o gênero literário através dos heterônimos, dando destaque aos autores brasileiros que se utilizam de heterônimos em suas obras.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, verificando dentro dos objetivos propostos que contributos atingidos pela pesquisa, que reflexões foram pontuadas na obra deste poeta, singular pela pluralidade, na literatura ocidental.

2 GÊNERO EPISTOLAR

O Gênero epistolar surgiu na Antiguidade com os gregos e os romanos, em que a palavra Epístola, no grego, significa mensagem e no latim, carta. De acordo com a obra *Dicionário de termos literários*, epístola vem do grego *epistole* e do latim *epístula*. (MOÍSES, 2004, p. 160-1).

Este gênero sobressaltou-se por muitas épocas, sofrendo forte influência da religião Católica Apostólica Romana. Acredita-se que a Bíblia tenha sido composta por algumas missivas, a exemplo das conhecidas cartas escritas por São Paulo, essas cujo objetivo seria orientar a fé de pessoas com mensagens direcionadas como forma de leis cristã.

Sobre o gênero epistolar, tem-se grande relevância por conter as mais variadas vertentes: sociológica, filosófica, política, informativa, dedicatórias, entre outras. Na literatura clássica, a comunicação por epístolas ganhou notoriedade entre os gregos com Platão e suas cartas (acredita-se ser um total de treze cartas), e com Aristóteles a Poética. Já entre os poetas latinos, destaca-se Ovídio com as cartas de amor, cartas de amizade e de “maldizer”. Através do gênero epistolar na literatura popularizou-se também o romance epistolar durante o período do Renascimento que surge, de fato, no século XVII e se estende pelo século XVIII, considerados o período de auge do romance epistolar (FUSARO, 2016, p. 5).

Na atualidade, temos acesso a muitos romances epistolares em forma de livro, alguns são contemporâneos, como é o caso de *A cor púrpura* (1982), de Alice Walker, um clássico da literatura americana onde a personagem Célia escreve cartas para dois destinatários: para Deus e para sua irmã. Outro clássico *Ligações perigosas* (1782), de Choderlos de Laclos, é obra composta por um compilado de epístolas, e o conhecido *Diário de Anne Frank* (1942), também compilado de anotações feitas por Anne Frank durante a Segunda Guerra Mundial, relatando momentos em que a jovem e sua família viveram aproximadamente os últimos dois anos de suas vidas sob um esconderijo, fugindo da perseguição e opressão nazista.

No século XIX, é importante destacar que com o surgimento do jornal, o gênero epistolar ganha um novo aliado, como traz Márcia Fusaro “o uso de Adjetivações, como público e privado, romance epistolar e carta para jornal (por vezes com uso de pseudônimo), mistura-se e contribuem para maiores deslizamentos sobre o gênero epistolar nesse período”. (FUSARO, 2016, p. 5).

No século XX, o romance epistolar permanece através de cartas de amor com os poetas, com isso, Fernando Pessoa escreveu diversas cartas ao longo de sua vida e a maioria delas sob responsabilidade de seus heterônimos. O poeta enquanto ortônimo, tinha como principais

destinatários seus amigos poetas Mário de Sá Carneiro, João Gaspar e Adolfo Casais Monteiro, ao qual discorreremos um breve estudo sobre a carta de 13 de janeiro de 1935, na seção 2.1.

A carta ao longo do tempo popularizou-se como veículo de comunicação, com finalidade haver trocas de assuntos, onde o remetente envie a mensagem ao destinatário, a pessoa que recebe a mensagem. Ela foi o elemento postal mais utilizado e perpassou por diversas épocas, sendo o principal ou talvez o único meio de comunicação que sobreviveu por todos os períodos.

O poeta português Fernando Pessoa utilizava-se do gênero epistolar em sua obra, em que escrevia muitas cartas fosse por ele mesmo enquanto ser ortônimo ou por seus “outros”, suas máscaras de produção poética filosófica, onde fica notório que fosse o poeta ou os seus heterônimos, a escrita por cartas fazia parte da obra e do cotidiano de Pessoa. Segundo Cavalcanti Filho (2012), após a morte de Pessoa em 1935, um baú pessoal com vários escritos de Fernando Pessoa foi encontrado, muito do que ele escreveu não era de conhecimento público, entre anotações, desenhos, existem muitos escritos do poeta. Percebe-se então que a escrita era algo comum e ao mesmo tempo especial na vida do poeta.

Fernando Pessoa escreveu cartas entre 1913 e 1916 em um período que teve como características muitas crises de cunho intelectual e esotérico, visto que o homem Pessoa tinha curiosidade pela religião e ocultismo, bem como pelos astros e signos. Nessa época também elaborava seus projetos culturais, as suas cartas traziam profunda sinceridade em suas confissões para por exemplo Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Uma das cartas que Pessoa escreveu em vida, e que tem uma importância para que se compreenda a sua obra em seus heterônimos, bem como a própria explicação do que eles são para Pessoa e sua obra, foi a carta escrita em 13 de janeiro de 1935 à Adolfo Casais Monteiro (GEBRA, 2015).

2.1 Na Carta ao amigo Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa esclarece a gênese dos seus heterônimos

O poeta dos heterônimos, Fernando Pessoa, escrevia com grande maestria através de seus outros “eus”. Sua obra por si mesma já atesta e demonstra a complexidade, a profundidade, a beleza do estado da arte do poeta, bem como ao mesmo tempo sobre a singelidade, o modo filosófico de como o poeta via o mundo de diferentes formas através de seus diferentes “eus” (PENTEADO, 2012). Pessoa escreveu muito através de seus heterônimos como bem destaca Cavalcanti Filho (2012), sua obra teve grande contribuição de seus heterônimos na construção do que se conhece do estilo de escrita pessoano.

Para muitos, principalmente os mais leigos sobre a questão da heteronímia, ao qual o menos avisado dos leitores, nesse tocante, o que não conhece a distinção de pseudônimo e heterônimo, ou até mesmo alguém que tenha participado de alguma palestra sobre saúde mental possa desse modo confundir, ainda que sem querer, o poeta Pessoa como um louco, alguém que sofre de múltiplas personalidades ou até mesmo como Palomba (2013) descreve, um indivíduo com psicopatia ou um sociopata.

Desse modo, faz-se necessário analisar e entender a carta que Fernando Pessoa, aqui o ortônimo, o ser real, o indivíduo enquanto ser social, realmente nascido do ventre de sua mãe, esclarece ao amigo e também poeta Adolfo Casais Monteiro em 13 de janeiro de 1935.

Ao iniciar a sua carta, aqui vemos o gênero epistolar usado nas cartas de Pessoa, onde inicialmente o poeta pede ao amigo Casais Monteiro desculpas pelo tipo de papel usado em sua escrita, aqui se vê o cuidado do poeta, não somente em seu modo de escrita, mas também o cuidado no material utilizado para tal. Percebe-se que ele valorizava o seu modo de escrita, a maneira em que seria escrita a carta.

Nas palavras de Cavalcanti Filho (2012), Fernando Pessoa escreveu aquela carta à Casais Monteiro para falar sobre os seus heterônimos, como surgiram, as características únicas e autênticas de cada um deles, porém a maior preocupação do poeta Pessoa, era falar sobre o seu mestre, aquele cujo o modo de escrever, expressar e ver o mundo seria, na visão de Pessoa, o maior dos heterônimos pessoanos, o verdadeiro mestre dos heterônimos, além do próprio Fernando Pessoa.

Desse modo, os escritos ao falar sobre a origem de seus heterônimos e das personalidades únicas de cada um deles, faz um relato sobre um tipo de histeria que existia dentro de si, o mesmo relata que não sabe se é apenas um indivíduo acometido de histeria ou se é simplesmente um hístico-neurastênico, aqui vale ressaltar que o poeta é um fingidor (CAVALCANTI FILHO, 2012).

Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida

Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é verdadeira
 E qual errada ninguém
 Nos saberá explicar;
 E vivemos de maneira
 Que a vida que a gente tem
 É a que tem que pensar.
 (PESSOA, 1995, p. 179)

Segundo Penteadó (2012), a carta à Casais Monteiro se vista e revista em uma leitura profunda e desapegada de um senso comum, oferece muitos subsídios de grande importância para que se entenda a relevância da criação artística que Pessoa tinha ao criar um heterônimo.

Como bem já foi anteriormente descrito que um poeta é um fingidor, logo é notório que o poeta tem um processo de criação único de seus heterônimos, aqui não se trata de um louco, muito menos um pseudônimo utilizado por alguém que de certa forma deseja se expressar através de um outro nome que não o seu nome do/no mundo real, mundo de seres viventes com a sua própria identidade da social.

Desse modo Penteadó (2012), em concordância com Cavalcanti Filho (2012), deixam a evidência do mistério da criação artística do poeta Pessoa, aqui o mistério não é algo sobrenatural do tipo que Moisés experimentou ao conhecer Deus no fogo de uma sarça ardente no deserto de acordo com a Bíblia Sagrada (1969), no livro do Êxodo:

Ali o Anjo do Senhor lhe apareceu numa chama de fogo que saía do meio de uma sarça. Moisés viu que, embora a sarça estivesse em chamas, não era consumida pelo fogo. "Que impressionante!", pensou. "Por que a sarça não se queima? Vou ver isso de perto. O Senhor viu que ele se aproximava para observar. E então, do meio da sarça Deus o chamou: "Moisés, Moisés!" "Eis-me aqui", respondeu ele. Então disse Deus: "Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa". Disse ainda: "Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó". Então Moisés cobriu o rosto, pois teve medo de olhar para Deus. (Cap. 3:2-6).

No tocante ao mistério dos heterônimos pessoanos, a tradução literal não corresponde ao sobrenatural, mas a dotada capacidade de criação artística e poética de Pessoa ao conceber um outro "eu", ali denominado heterônimo, dotado de sentimentos diferenciados do seu criador, ao mesmo tempo que permite a expressão maior do poeta através do mesmo.

Moisés segundo a Bíblia Sagrada (1969), teve um encontro com Deus, não era de acordo com a escritura sagrada cristã uma visão ou um momento de loucura, mas um encontro sobrenatural de um ser humano e o seu criador. No tocante ao poeta Pessoa, o surgimento dos

heterônimos era um nascimento de um heterônimo distinto de muitos outros, segundo Cavalcanti Filho (2012), mais de 100 heterônimos foram criados por Pessoa. O heterônimo surgia em um momento distinto e único, dotado de sua própria personalidade e estilo poético.

Sendo assim, Fernando Pessoa explica à Casais Monteiro que Álvaro de Campos era um, bem como Ricardo Reis outro heterônimo, bem como também o seu mestre Alberto Caeiro era outro, este último que proporcionou um momento único e triunfal na vida de Pessoa. Caeiro era o mestre, e como mestre era aquele que deveria ser seguido por Pessoa, e desse mestre se deveria aprender o seu modo de ver o mundo e transcrever o seu modo de ver através de seus poemas únicos.

Nas palavras de Fernando Pessoa em carta para Casais Monteiro, de acordo com Massuno (2010), o mestre de todos heterônimos era Alberto Caeiro, como deixa bem evidente o poeta em carta escrita de próprio punho enquanto ortônimo, assim como para ele, Caeiro também era o seu mestre. Em concordância com Cavalcanti Filho (2012), os poemas de Caeiro, os seus versos, possuíam uma beleza simples, a natureza era retratada com maestria pelo mestre dos heterônimos. Em sua poesia não havia agressividade, nem o gosto por coisas banais, mas sim falavam da natureza e de sua beleza, que na maioria das vezes os homens não conseguem admirar e respeitar.

Para Massuno (2010), Alberto Caeiro representou para Pessoa o poeta que realmente lembrou da existência da natureza, revelou em seus poemas a beleza que existe na natureza, já que é ela quem encanta com seus horizontes, com seus belos rios. A natureza concede liberdade aos homens, animais, a suavidade na formação de um rio e o poder de suas águas, natureza que oferece alimento e momentos de paz que os homens procuram e não encontram nas grandes cidades.

Para o poeta Pessoa, a carta feita por ele para Casais Monteiro de certo mostraria que o mesmo não era louco ou portador de alguma doença mental, mas mostraria a sua capacidade de produzir outros “eus”, heterônimos, que tinham um estilo próprio e que deram grande contribuição na construção da obra do poeta Fernando Pessoa enquanto ortônimo. Segundo Penteadó (2012), a possessão, o desejo, o grande dia em que surgiu Alberto Caeiro, não eram fruto de uma experiência sobrenatural, mas do surgimento de um novo heterônimo que se diferenciava dos demais, o seu dia triunfal, como bem relata o próprio Pessoa, foi um dia em que a inspiração lhe tomou conta e a expressão do seu “eu” mais íntimo deixou transcrever em muitas linhas e páginas o verdadeiro sentimento do poeta natural.

Para Massuno (2010), Caeiro era o mestre por suas afirmações simples e naturais sobre a vida, sobre a essência da natureza, seria o poeta de todos os tempos, o mestre do Pessoa

ortônimo e de seus heterônimos. Segundo Penteado (2012), a carta destinada a Monteiro não era apenas uma carta formal, onde se falavam assuntos do cotidiano, mas de seu marco principal, que era explicar a gênese dos heterônimos e ficar patente que o poeta era genial enquanto ortônimo e mais extraordinário com seus heterônimos. A carta escrita para Casais Monteiro deixa evidente que o poeta é um fingidor, mas antes de tudo, é alguém atribuído de extrema arte na criação de seus heterônimos, suas personalidades individuais e na essência verdadeira de seus poemas.

Assim, um heterônimo não é um pseudônimo, não é esconder-se, por assim dizer, em um nome fictício para mostrar a sua obra, mas expandir a arte poética em um gênero epistolar único com a criação de um outro “eu” composto de sentimentos e visões sobre tudo, amor, raiva, tristeza, natureza. É interessante e correto concordar com Faber (2018), quando escreve:

Uma das coisas que sempre me chamou a atenção na literatura foi o uso dos pseudônimos. Eu, mesmo sem ser um escritor, gostaria de ter um, de poder escolher, entre as minhas personagens, um apelido que substituísse o meu próprio, sem encanto. Sim, porque um crítico, se não cria personagens, é ele, por extensão, autor das que elege (p. 28).

Tal excerto, se feito uma releitura e uma pesquisa sobre Faber² (2018), notamos que se manifesta a natureza de um heterônimo na criação de poemas e contos, bem como a natureza artística e única de alguém escrevendo de forma singular, única, demonstrando a essência da produção poética, que vai além da tendência orgânica, passando pela simulação, pelo fingimento e na despersonalização do ser “ortônimo” para dar lugar ao heterônimo.

Vivem em nós inúmeros;
 Se penso ou sinto, ignoro
 Quem é que pensa ou sente.
 Sou somente o lugar
 Onde se sente ou pensa.
 Tenho mais almas que uma.
 Há mais eus do que eu mesmo.
 Existo todavia
 Indiferente a todos.
 Faço-os calar: eu falo.
 Os impulsos cruzados
 Do que sinto ou não sinto
 Disputam em quem sou.
 Ignoro-os. Nada ditam
 A quem me sei: eu escrevo.
 “Odes” (13/11/1935), Ricardo Reis.

² Marcos Alexandre Faber: músico, compositor, poeta e ficcionista. Autor da obra “O lampejo do vaga-lume”, Editora UFPE. Seu nome “Faber”, nas palavras de Paula Cristina Ribeiro, são inspiradas na lição do modernista português Fernando Pessoa, aquele que fabrica, produz personagens que se multiplicam em outros ou duplos.

3 OUTRO – HETERÔNIMO

Na ânsia de transferir-se para um universo interior que não seja o próprio, o ser humano vai em busca de uma nova identidade. Na arte, este evento recorre a mimese, palavra que vem do grego e significa *imitação*, em latim é *imitatio*, ela representa o ato de imitar, copiar, representar ou reproduzir algo da natureza, que segundo a filosofia de Aristóteles, é o fundamento de toda arte em geral em seu sentido poético (TOLEDO, 2005). Tais conceitos, vem da filosofia de Platão. Portanto a mimese é o que se pode definir por imitação e pode possuir uma diversidade de interpretações (SUSIN, 2010).

Conforme é pregado na doutrina platônica, a lembrança da realidade é meramente uma imagem, um vulto, é aquilo que se encontra nas ideias, no pensamento humano, portanto, a arte seria configurada como um tipo de espectro da realidade, algo que não mostra o reconhecimento verdadeiro. Para Aristóteles (2008, p. 42):

Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural aos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações.

Dessa forma, a imitação não implicava num ato de forma mecanizada, pois antes de ser feita era realizado um exercício mental para tal, a atividade de imitar provinha de algo que fosse considerado belo, único, especial, o processo criativo estava definido pela profundidade em que o objeto de imitação era conhecido, tanto que eram considerados escravos os imitadores, por terem copiado e imitado algo que não eram seus e com isso o fizeram de forma superficial, sem o sentimento real (CARVALHO, 2019).

Segundo Pitágoras, o fenômeno da mimese é a mais pura expressão dos estados da alma humana, poderia ser um modo de terapia tanto do autor quanto dos leitores da arte, sendo que para se isto acontecesse, os sentimentos seriam analisados quando estes forem externados (ALVES, 2010). Nesse sentido, a mimese é uma imitação, algo que é reproduzido com a finalidade de imitar a realidade, assim reinventando-a, revigorando-a, criando um novo universo.

Diante disso, Muniz (2010, p. 6) faz a seguinte observação:

A doutrina da Mímesis pressupõe um procedimento de fabricação de imagens, portanto um processo em que o poeta está engajado, como produtor, e pode ser responsabilizado por isso. Resta saber qual é a natureza e o modo de funcionamento desse procedimento que, embora se assemelhe a uma técnica, não passa, segundo Sócrates, de empiria, de falsa-técnica.

Com efeito, o Heterônimo tem um caráter diferente, o outro, que não si mesmo, outra personalidade, outras características e não apenas a ideia de mudar de nome, portanto, além do que se é. Esta arte o poeta português dominou com muita propriedade e autonomia, de se dividir entre mundos paralelos e mesmo assim, continuar sendo o mesmo alguém. O escritor apoderou-se, por assim dizer, desse estilo de vida de ser, ou seria um extinto ser? Uma vocação? Segundo ele, “o poeta é um fingidor” e esse caráter “pessoano” advém da mente brilhante e que nos dias atuais pesquisadores e curiosos tentam desvendar e estudos científicos são feitos. Os heterônimos mais populares entre o público são Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, e o semi-heterônimo Bernardo Soares que também ganhou notoriedade por ser semelhante à Pessoa, tendo em vista que eles ganharam características distintas, data de nascimento e de falecimento.

O heterônimo é um outro, no sentido de outro ser, outra forma de pensar, de sentir e, sobretudo, uma outra forma de escrever, sendo outro autor que não seja ele mesmo. Ao fazer isso, Pessoa fez várias obras em diversos autores, deixando uma vasta contribuição para a literatura.

O heterônimo Álvaro de Campos se apresenta como moderno e também tinha como marca uma angústia intensa sobre a qual escreveu poemas sob um desencanto existencial: Não sou nada. / nunca serei nada/ não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. Já Ricardo Reis é o heterônimo clássico, pois observa-se em toda sua obra a influência dos clássicos gregos e latinos, onde nota-se no poema Anjos ou Deuses: “Anjos ou Deuses, sempre nos triunfos/ a visão perturbada de que acima/ de nós e competindo-nos/ agem outras presenças”. Em Alberto Caeiro, se tem uma poesia aparentemente simples, mas de cunho filosófico, buscando enfatizar a existência humana: É talvez o último dia da minha vida./ Saudei o sol, levantando a mão direita,/ mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,/ fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada. O Bernardo Soares foi descoberto posteriormente como sendo um ajudante de guarda-livros, solitário e sempre residiu em Lisboa, e em sua solidão escreveu o *Livro do desassossego*, com uma consciência extrema na análise da alma humana: “Bendito os que não confiam a vida a ninguém”.

Um elemento importante a ser discutido aqui é a influência dos poetas árcades, estes que cultivaram falsos nomes à luz de conflitos existenciais, observando que neste período literário consolidava-se o Arcadismo em meados século XVIII. Dessa forma, o Homem vai em busca pela valorização da natureza, pela simplicidade da vida, evadindo-se do caos das grandes cidades, a fuga de uma vida cheia de compromissos, e a partir disto, recorria ao uso de

pseudônimos para fugir da realidade caótica em que se encontrava. O nome fictício então, serve de escape para o poeta exprimir em versos suas angústias sob uma atmosfera bucólica e ao mesmo tempo, sentir-se um outro alguém, sendo assim fingidores poéticos. Nas palavras do crítico Alfredo Bosi, todas as culturas do Ocidente acabam reinventando o *natural* e fingindo na arte a graça espontânea do Éden que os cuidados infinitos da cidade fizeram perder (BOSI, 2006), ou seja, na fase arcádia há uma produção literária com anseio no que é natural e deste modo o poeta arcáde cria seu espaço idealizado no campo.

Na poesia arcáde, Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) utilizou tal veia pastoral. Ele também foi autor de diversas cartas anônimas, assim como fez uso de pseudônimos. Sua obra denominada *Cartas Chilenas* é um exemplo de escritos as quais correram por um tempo sem autoria. De acordo com Bosi (2006), são doze cartas assinadas por um pseudônimo de Gonzaga de nome *Critilo* com o intuito de satirizar e criticar as ações políticas do governador Luís da Cunha Meneses, e tais cartas eram endereçadas a um amigo, *Doroteu*. Nos versos, Critilo alerta, num monólogo, ao amigo Doroteu seu infortúnio a autoridade local. É possível observar no excerto a seguir:

Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa das pestanas carregadas
O pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo, é quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha,
Acorda, se se ouvir queres cousas raras.
(GONZAGA, 2013, p. 25)

Com o pastorismo, Gonzaga escreve *Marília de Dirceu* onde são cantadas as saudades pela sua amada. O autor como sendo um burguês, fingia-se de simples pastor, sem ambição, idealizado pela virtude grega, tendo em vista que tal manifestação literária emerge de uma sociedade em busca de bons valores. O Homem do século XVIII percebe estar corrompido pelos excessos da nobreza, pois a corte e a cidade corromperam-no, e este se vê ambicioso e tomado pelas mazelas da sociedade. Nesse sentido, como traz o teórico Afrânio Coutinho, somente com a arcádia esse homem, esse poeta poderia sonhar com o lugar ideal de terras utópicas:

A Arcádia é uma região ideal e fictícia, de extrema beleza, de onde foram expulsas as paixões perturbadoras, refúgio maravilhoso e feliz das ideias e do deleite espiritual. Essa região situava-se no campo, em plena natureza pura, por isso o tema Arcádia sempre esteve ligado à literatura pastoril e bucólica, e ao denominarem-se pastores os arcades significavam muito bem o seu anelo fantástico de evasão para um paraíso campestre, traduzindo seu sentimento

numa poesia ingênua e idílica, de inspiração e motivação pastorais, e situando-se fora de sua condição real (COUTINHO, 2004, p. 205).

Nessa perspectiva, Jean Jackes Rousseau (1712-1778), diz que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe (SANTOS, 2018). Sendo assim, o pastor representa o humano abandonando os vícios e retornando a origem pura. Durante muito tempo e ao longo dele tem-se criado, inventado pseudônimos e heterônimos, e a arte está para ser imitada.

3.1 Diferenciação do louco e do poeta em seus heterônimos

Em profundo êxtase como se tivesse sido arrebatado e já não mais em si, pois agora o seu outro “eu” tomou conta da sua existência, foi ele, o outro “Pessoa” no interior do verdadeiro “Pessoa”, quem expressou os seus mais puros sentimentos, a desconstrução do eu exterior agora é (re) construída pelo seu eu interior. Talvez essa tenha sido a mensagem não dita que Fernando Pessoa externou ao falar de seus heterônimos através de seu ortônimo, comparação esta semelhante ao que diz a Bíblia Sagrada (1969), do cristianismo sobre o arrebatamento de João, apóstolo do Cristo na ilha de Patmos em revelação do apocalipse, porém, segundo os escritos sagrados, foi o próprio João quem presenciara e depois escrevera os relatos apocalípticos, enquanto Pessoa foi quem criou seus heterônimos e através deles externou os seus mais íntimos poemas.

A obra, bem como a própria vida do poeta Fernando Pessoa, é complexa, admirável e única. Ao conhecer o poeta, talvez muitos o considerem louco, inquieto, desfragmentado em si mesmo, porém ao conhecer o homem Pessoa e os seus heterônimos, ao menos os três principais, e a essência de sua poesia é possível compreender o homem Pessoa e os seus “eus”. Aqui se trata de um poeta cuja complexidade da obra e vida se torna algo único e belo. Ele como indivíduo humano e poeta foi único, cuja existência proporcionou grande contribuição na literatura e no gênero epistolar, sua personalidade e seus heterônimos foram geniais e continuam com uma genialidade incrivelmente atual (DE SOUZA, 2018).

Nas palavras de Silva (2011), concordando com Cavalcanti Filho (2012) e De Souza (2018), Fernando Pessoa deu grande contribuição na literatura mundial com os seus poemas. A essência dessa enorme contribuição se dá a sua genialidade e aos seus heterônimos. Sua obra vai além de simples leitura, embora alguns de seus poemas tenham na forma singela e questionadora da vida emoções diversas que são “externadas” com grande emoção e reflexão por seus heterônimos.

Dessa forma, Cavalcanti Filho (2012) por meio de sua quase autobiografia de Pessoa, consegue de forma fiel relatar um pouco da origem dos seus heterônimos ao seu amigo de longa

data Adolfo Casais Monteiro, mais precisamente em seu dia triunfal que aconteceu em 8 de março de 1914:

A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, as ideias, as emoções, e a arte dos quais, ele, o autor real [...] nada tem (PESSOA, 1966, p. 95).

Logo em seguida Cavalcanti Filho (2012, P. 239), explica:

Foram tantos, Campos até diz “Pessoa” são”, em vez de Pessoa é. De alguns já não me lembro – os que jazem perdidos no passado remoto de minha infância quase esquecida”. Assim se dá porque “arranjei, e propaguei, vários amigos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, ouço, sinto, vejo.

Logo não se trata de um pseudônimo, uma personalidade forjada para dar uma falsa identidade, a alguém real, para Pessoa os seus heterônimos, cerca de 127, foram não somente Pessoa, mas Pessoas, cada um com sua própria identidade, ou seja, início, meio e fim.

Os heterônimos de Pessoa tinham sua própria identidade, a saber o seu nascimento com datas e locais precisos, bem como de morte, características físicas, nível de intelectualidade, línguas faladas, relacionamentos, horóscopos, entre outras características. Aqui não se trata de um Pessoa esquizofrênico, louco, entorpecido por drogas ou bebidas, mas um Pessoa em outras Pessoas e ao mesmo tempo Pessoa, como autor, amigo e confidente de seus heterônimos.

Em *Fragmentado* (2017), o personagem Kevin Wendell Crumb, interpretado pelo ator James McAvoy possuía 23 personalidades cada qual com algo peculiar e que ocasionavam um efeito na química do corpo do personagem, onde existia uma 24ª personalidade que era perigosa e ao mesmo tempo uma mistura complexa dessas 23 personalidades. Embora seja uma obra de ficção, o personagem de McAvoy sofre de DID (Transtorno Dissociativo de Identidade), o que a medicina determina por ser uma perturbação de personalidade múltipla.

Desse modo, Palomba (2003) descreve que os indivíduos sociopatas desconhecem a sua própria doença e são perigosos a toda sociedade. Em *Fragmentado* (2017) o personagem é controlado por suas múltiplas personalidades, algumas bastante perigosas, assim, ainda segundo Palomba (2003), o psicopata vive no limite da sanidade e da loucura, ou seja, é um indivíduo que vive na sociedade, mas que também representa um perigo a essa sociedade. Contudo, é importante destacar tais exemplos para que o leitor menos familiarizado não confunda Pessoa e suas personas com um indivíduo que sofre com transtorno mental.

Segundo Cavalcanti Filho (2012), Fernando Pessoa era inteligentíssimo, até a sua morte escreveu muitos textos, dos mais variados, para isso importante destacar as figuras de seus heterônimos, onde alguns tiveram grande destaque sobre os outros, sendo Alberto Caeiro,

Ricardo Reis e Álvaro de Campos, cada um com sua particularidade e sua contribuição na obra pessoana.

Dessa forma, torna-se necessário compreender a origem dos heterônimos de Pessoa, se não for possível descrever as características dos 127, ao menos seus três principais heterônimos e a sua relação na construção da obra de Pessoa. Para isto, é fundamental além de destaca-los, deixar em evidência o Mestre dos heterônimos e do próprio Fernando Pessoa, haja visto que o seu Mestre se revelou em 1914, precisamente em 8 de março, relato feito pelo próprio Pessoa em carta a Adolfo Casais Monteiro em 13 de janeiro de 1935.

3.2 Heteronímia

São muitas as produções textuais que se conhece atualmente em pleno século XXI, e com o advento da tecnologia e o seu acesso global é possível acessar documentos do século XVIII, por exemplo, as obras, as escritas, cartas, poemas, versos antes guardados em museus ou no acervo de algum país, agora está disponível a todo indivíduo, independente do seu país de origem, a tecnologia, especialmente os meios de midiáticos proporcionam o acesso e a posterior consulta.

As obras de escritores como Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Mário Quintana, Carlos Drummond, William Shakespeare e o poeta Fernando Pessoa, por exemplo, deram grande contribuição a literatura e muito do material feito por essas pessoas se encontra ao alcance de todo o mundo. Algumas vezes, se não, em sua grande parte, algumas obras, bem como os seus autores possuem uma complexidade em seu estilo de escrita ou mesmo pessoal, fazendo-se necessário compreender “homem” ou “mulher”, aqui como o ser humano, para que se possa entender a sua obra como se deu o desenvolvimento de seus escritos.

A identidade do leitor se constrói historicamente de maneira permanente, baseada nas ferramentas utilizadas para escrita e leitura. O livro durante muito tempo foi considerado como uma relíquia ou algo mítico que detinha os saberes da humanidade. Porém, com a Revolução Industrial, ele tornou-se produto de consumo, e como tal deve ser mais acessível tanto no sentido de linguagem quanto econômico, isto é, deve se tornar mais “popular”, no intuito de que uma gama cada vez maior de pessoas possa usufruir dele, sem, contudo, perder seu patamar de detentor do conhecimento. [...] O texto eletrônico ou virtual possibilita ao leitor a tornar-se um co-autor, visto que o hipertexto exige, de certa forma, uma interação do leitor com esse texto por meio de escolhas realizadas durante a leitura, as quais podem levar a resultados diferentes a cada leitura realizada no mesmo texto (SILVA, 2011, p. 5)

Diante disso, ao se observar a cultura atual por meio da era digital, é imprescindível conhecer os autores para melhor compreender aquilo que se expressa em suas obras. Em um

outro olhar, com o auxílio da tecnologia, é possível fazer uma busca além daquela contida nas informações dos livros.

No tocante a isto, observa-se a necessidade de entender a obra e vida de Fernando Pessoa bem como os seus heterônimos, já que cada um possui personalidade distinta, visto que Pessoa tinha tendências ao esoterismo, além de apresentarem uma estrutura bem complexa no sentido de terem as suas próprias identidades, tal como uma pessoa real, é o “eu” pessoano e o “nós” de Pessoa. Daí a importância para poetas portugueses, brasileiros e de outros países em estudar e compreender a suavidade ao mesmo tempo complexa de seus poemas e a sua relação com o Pessoa exterior (GALVÃO, 1997).

No que se refere aos heterônimos de Fernando Pessoa, Penteado (2017, p. 61) comenta:

Se assim for, isso a que comumente se chama “personalidade individual”, traduzida pela expressão “eu”, é apenas ficção, efeito de linguagem. Longe de constituir alguma espécie de capricho ou excentricidade, conforme Gaspar Simões chegou a considerar, o que a heteronímia proporciona é o esclarecimento da condição artificial de qualquer “eu”, sempre por construir. Desta forma, também não há um “eu empírico” efetivamente a apagar ou dissolver, o que termina por relativizar também a conhecida afirmação de que “o mau dramaturgo é o que se revela [...] Em última instância, o “eu” não existe; logo, mau escritor seria não quem revelasse sua própria personalidade, pretensamente una e estável, mas quem se esforçasse por o fazer.

Neste sentido, Pessoa é o ortônimo de Caetano, Reis e Campos, seus heterônimos principais, além de outras centenas de heterônimos, visto que o ortônimo é o nome do criador dos heterônimos, independente de terem a sua própria natureza individual, são criações de um ser real que no mundo dos homens reais não assina sob algum pseudônimo ou heterônimo criado por ele mesmo. Assim, é mister compreender que Fernando Pessoa é o possuidor real de um nome correto, nome civil que dá qualidade as pessoas reais (BERNARDES, 2019).

Então, podemos conceituar heteronímia na visão de Silva (2011), concordando com Cavalcanti Filho (2012) e com Penteado (2017), como uma criação de uma identidade com suas próprias características que produzem os seus textos literários e assinam os mesmos, não são pseudônimos que são escritos por uma pessoa que os assina com outro nome, mas fazem parte de um estilo literário completo bem como complexo, do universo literário onde Fernando Pessoa fazia o uso de seus heterônimos com verdadeira virtuosidade.

3.3 A Heteronímia em Pessoa

Em carta ao seu amigo Adolfo Casais Monteiro em 1935, foi mostrado que Fernando Pessoa esclareceu ao amigo e conseqüentemente aos seus futuros leitores, visto que a sua carta

tornou pública a gênese dos seus heterônimos, bem como a inexplicável e a perfeita elaboração de suas criações, as suas máscaras de produção poética (GEBRA, 2015).

Os seus heterônimos, é importante salientar, não são pseudônimos, mas seus outros eus dentro de si mesmo, que produziram diversos poemas. Houveram obras em que o próprio Pessoa assinou como ser ou indivíduo real, com registro civil, bem como as obras de seus heterônimos.

Estudar Fernando Pessoa pode nos levar a muitos caminhos. Pendemos ora para a interessante psicologia de um homem que não se contentou em ser um, ora para seu amor à Pátria da qual tão cedo se separou e à qual tão cedo regressou, ora para sua infinita dor de existir. Podemos ainda observar os frutos de sua educação inglesa, seu profundo interesse no conhecimento e no sagrado. Mas nada parece intrigar a todos, tanto quanto a construção heteronímica. Sua insondável psique, seu ufanismo, seu espiritualismo despertam, de fato, curiosidades variadas (PEREIRA, 2014, p. 7).

Como já abordado anteriormente, o leitor menos familiarizado pode confundir Pessoa com um ser humano transtornado mentalmente (PALOMBA, 2003), ou até mesmo pensar ser Pessoa um indivíduo ficcional, podendo confundir o homem com múltiplas personalidades fragmentadas e cruéis de Fragmentado (2017), daí a necessidade da constante, e porque não, pesquisa sobre o homem Pessoa, as outras pessoas em Pessoa, e a construção de sua obra. O poeta é um fingidor, dessa forma segundo Cavalcanti Filho (2012, p. 201):

Pessoa, desde cedo, compreende as múltiplas dimensões que uma imagem, um gesto, um sentimento podem ter, que “cada coisa neste mundo não é porventura senão a sombra e o símbolo de uma coisa”. “Nascemos sem saber falar e morremos sem ter sabido dizer... e em torno disto, como uma abelha em torno de onde não há flores, paira incógnito um inútil destino.” Por isso, “muitas vezes, escrevo sem querer pensar, num devaneio externo, deixando que as palavras me façam festas, criança menina no colo delas.” No fundo, mais além, quer “um domínio absoluto da expressão, o poder de afastar-se de si mesmo, de dividir-se em dois, em busca da sinceridade traduzida” que faz da literatura “a maneira mais agradável de ignorar a vida.” Escrever, para ele, é sobretudo um ato de escolha entre ideias que “passam por mim em cortejos sonoros de sedas esbatidas”, porque “entre” duas ideias há sempre um caminho”. Essa relação, entre conteúdo e forma, se reflete por toda sua obra. Assim, para entender o autor, é preciso antes considerar a essência do seu discurso, marcado pela aparente hesitação entre o real e o imaginário. A partir de dois elementos.

Com isso, pode-se entender a relação do Poeta Pessoa e seus heterônimos, um novo olhar surge através do heterônimo, isso vai além da espiritualidade. É (re)visitar na visão pessoana a imagem do mundo através dos sentidos humanos, da sensibilidade do toque humano e da alma. Compreender tais pensamentos, onde a emoção, ou emoções, de Pessoa e de seus

heterônimos, vai além do Poeta, vai para a criação de um texto por seu autor e também para a criação de um texto criado por um heterônimo de seu criador.

Como já se sabe, o poeta se apropria de sentimentos do seu eu exterior, tal como de suas emoções e sentimentos do seu interior que são manifestados por seu heterônimo. Quando se fala na emoção, Pereira (2014, p. 23), afirma que:

Um ethos equivale a um posicionamento, é o índice de uma escolha expressa no discurso, que pode conter uma emoção determinante. No caso da heteronímia, cada poeta tem sempre o mesmo posicionamento e, por conseguinte, uma mesma emoção que se sobressai. Acreditamos, portanto (e nisso consiste a mais importante parte de nossa hipótese) que os heterônimos são tributários de uma emoção colada à maior parte de seus discursos. Cada um deles é estimulado por um pathos dominante e quer provocar semelhante pathos no leitor.

Assim, para que possamos entender o sentido de existência, conhecimento e do desconhecimento do próprio ser na obra de Pessoa, Cavalcanti Filho (2012) destaca alguns poemas que se bem observado, no tocante a leitura e interpretação da obra de Pessoa, é possível entender os argumentos de Pereira (2014), no que trata a essência da poesia pessoana. Em “Ritos iniciáticos”, Pessoa faz uma reflexão sobre algumas das muitas inquietações que afligem a alma humana.

Pergunta — De onde vens?
 Resposta — Não sei.
 P — Aonde vais?
 R — Não me disseram (sei).
 P — O que sabes?
 R — O que esperei (Nada).
 P — Que vês?
 R — Sou cego.
 P — Que vestes?
 R — Estou nu.
 P — Que tens?
 R — Só a mim.
 P — O que queres?
 R — Ver a luz.
 P — Que luz?
 R — A que houver.
 P — Qual é a que houver?
 R — A que me for dada.
 P — Se te a derem, como a verás?
 R — Com meus olhos.
 P — Se te a não derem como a verás?
 R — Com o meu coração.
 P — Se te a nem derem nem não derem, como a verás?
 R — Comigo.
 P — Que tens ao pescoço?

R — O passado.
 P — Que sentes sobre o peito?
 R — O futuro.
 P — Que tens a teus pés?
 R — O presente.
 P — O que sentes?
 R — A treva, o frio, e o perigo.
 P — Como os vencerás?
 R — À treva pelo dia, ao frio pelo sol, ao perigo pela vida.
 P — E como obterás o dia e o sol e a vida?
 R — Não ficando cego, nem nu, nem eu aqui sozinho.
 P — Quem te criou?
 R — Não sei.
 P — Por que o não sabes?
 R — Por que nasci.
 P — Queres sabe-lo?
 R — Sim, porque morrerei.
 Mestre do Átrio — Basta que me digas sim.
 O Neófito⁶³⁵ — Sim.
 Mestre do Átrio — A paz seja contigo.
 (PESSOA apud LOPES, 1990, p. 80)

Já me falece o dom com que me amavam.
 Já me não torno a forma e o fim da vida
 A quantos que, buscando-os, me buscavam.
 Já, praia, o mar dos braços não me inunda.
 Nem já me vejo ao sol saudado erguida,
 Ou, em êxtase mágico perdida,
 Ao luar, à boca da caverna funda.
 (...)
 “Converta-me a minha última magia
 Numa estátua de mim em corpo vivo!
 Morra quem sou, mas quem me fiz e havia,
 Anônima presença que se beija,
 Carne do meu abstrato amor cativo,
 Seja a morte de mim em que revivo;
 E tal qual fui não sendo nada, eu seja!
 (PESSOA, 1995, p. 227)

Daí surge um melhor entendimento sobre a emoção na obra de Pessoa, sendo externado de maneiras diferentes, mas sempre com emoção a essência de seus poemas. Alberto Caeiro, o mestre, é um exemplo dessa essência. O mestre Caeiro como bem aponta Cavalcanti (2012), na carta de Fernando Pessoa ao seu amigo Adolfo Casais Monteiro em 1935, retrata o surgimento do “mestre” durante um momento único, onde o próprio Pessoa descreve como um êxtase num frenesi poético e único jamais antes experimentado. A obra *O Guardador de Rebanhos* descreve a essência de Caeiro, trazendo a poesia do mestre:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
 Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
 Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.
 O Tejo tem grandes navios
 E navega nele ainda,
 Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,
 A memória das naus.
 O Tejo desce de Espanha
 E o Tejo entra no mar em Portugal.
 Toda a gente sabe isso.
 Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
 E para onde ele vai
 E donde ele vem.
 E por isso, porque pertence a menos gente,
 É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
 Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
 Para além do Tejo há a América
 E a fortuna daqueles que a encontram.
 Ninguém nunca pensou no que há para além
 Do rio da minha aldeia.
 O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
 Quem está ao pé dele está só ao pé dele.
 (PESSOA, 1993, p. 46)

Além de Caetano, o mestre, a emoção também está na poesia dos heterônimos Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Em concordância com De Souza (2018), não se pode esquecer de Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros em Lisboa, um semi-heterônimo. De acordo com Cavalcanti Filho (2012), mas esse estilo múltiplo de genialidade na poesia pessoana faz de Pessoa importante poeta, cuja obra e seus heterônimos deve ser conhecida e objeto de estudos.

Mestre, meu mestre querido!
 Coração do meu corpo intelectual e inteiro!
 Vida da origem da minha inspiração!
 Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?
 Não cuidaste se morrerias, se viverias, nem de ti nem de nada.
 Alma abstracta e visual até aos ossos,
 Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre múltiplo,
 Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,
 Espírito humano da terra materna,
 Flor acima do dilúvio da inteligência subjectiva...
 Mestre, meu mestre!
 Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,
 Na mágoa quotidiana das matemáticas de ser,
 Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,
 Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de mim!
 Meu mestre e meu guia!
 A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
 Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,

Natural como um dia mostrando tudo,
 Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.
 Meu coração não aprendeu nada.
 Meu coração não é nada,
 Meu coração está perdido.
 Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.
 Que triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!
 Depois tudo é cansaço neste mundo subjectivado,
 Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,
 Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas,
 Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.
 Depois, tenho sido como um mendigo deixado ao relento
 Pela indiferença de toda a vila.
 Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,
 Deixadas aos molhos em alinhamentos sem sentido.
 Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
 E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem ninguém
 Depois, mas porque é que ensinaste a clareza da vista,
 Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver clara?
 Porque é que me chamaste para o alto dos montes
 Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?
 Porque é que me deste a tua alma se eu não sabia que fazer dela
 Como quem está carregado de ouro num deserto,
 Ou canta com voz divina entre ruínas?
 Porque é que me acordaste para a sensação e a nova alma,
 Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre a minha?
 Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele
 Poeta decadente, estupidamente pretensioso,
 Que poderia ao menos vir a agradar,
 E não surgisse em mim a pavorosa ciência de ver.
 Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!
 Feliz o homem marçano,
 Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda que pesada.
 Que tem a sua vida usual,
 Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio.
 Que dorme sono,
 Que come comida,
 Que bebe bebida, e por isso tem alegria.
 A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação.
 Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
 Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.
 (PESSOA, 1944, p. 31)

Mestre, são plácidas
 Todas as horas
 Que nós perdemos.
 Se no perdê-las,
 Qual numa jarra,
 Nós pomos flores.
 Não há tristezas

Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,
Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...
A beira-rio,
A beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.
O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentir-nos ir.
Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.
Colhamos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.
Girassóis sempre
Fitando o Sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.

(PESSOA, 1993, p. 13)

3.4 A obra pessoana em sua singelidade, pureza e maestria

Para compreender a obra heteronímica Pessoaana, é necessário mergulhar em seu pensamento enquanto ser heterônimo, é cruzar o limite do eu mesmo, por ele mesmo, é cruzar a linha da simples razão assim como um sociopata cruza a linha que o distingue dos seres normais (PALOMBA, 2003). A poesia em Pessoa não se traduz em simples versos ou versos

complexos, mas a poesia flui do mais íntimo d'alma do poeta, portanto, vai muito além de simples ou complexas explicações, é a essência da arte em seu mais puro sentido ao qual palavras não podem explicar.

Como bem pontuam Massuno (2010) e Cavalcanti Filho (2012), o poeta Fernando Pessoa desde jovem tinha no seu íntimo, amigos verdadeiros. Para muitos, os mais leigos, diriam que se trata de amigos imaginários, fruto da solidão ou até mesmo loucura como Palomba (2003) destaca, porém vai além disso, seguindo a lógica da essência Pessoaana, em sua infância, o eu ortônimo já mostrava traços de genialidade para criar seus futuros heterônimos, bem como o seu mestre Caeiro se mostraria futuramente como o seu mestre e mestre de seus heterônimos como afirmou seu outro heterônimo, Ricardo Reis.

Ainda na África do Sul, de acordo com a investigação de Cavalcanti Filho (2012), aos 12 anos Pessoa já havia escrito muitos poemas, grande parte no idioma inglês, onde a partir desses se anunciara os futuros poemas de um excepcional português.

Em algum lugar onde jamais viverei
 O jardim de um palácio enrama
 Tanta beleza que o sonho aflige
 Ali, revestindo muros imemoriais
 Enormes flores prematuras
 Relembra, diante de Deus, a minha vida perdida
 Ali éramos felizes, eu e a criança
 Por termos as sombras frescas
 Para no seu interior sentirmo-nos docemente exilados.
 Levaram embora todas essas coisas verdadeiras
 Os meus campos perdidos!
 A minha infância antes da Noite e do Dia!
 (PESSOA *apud* CAVALCANTE FILHO, 2012, p. 99-100)

Nas palavras de Cavalcanti Filho (2012), Pessoa era criativo, um indivíduo com as suas particularidades em criar seus heterônimos e conduzir as escritas individuais e de estilos próprios de cada um deles. No entanto, aquele que mais deixou explícito a alma do poeta Pessoa, sem sombra de dúvidas foi Alberto Caeiro, o seu mestre, mestre dos seus heterônimos.

Massuno (2010) ressalta o que Ricardo Reis caracterizou sobre o mestre Caeiro, ele afirma que o seu mestre era “mais grego que os gregos”, pois a originalidade naquilo que escrevia continha uma cosmovisão e objetivo total e absoluto, onde a inspiração de seus versos sobre a natureza, as sensações, a metafísica encontrada em seus versos, o paganismo em contraste com o cristianismo faziam da obra do mestre Caeiro serem sinceras, emotivas, reais e originais.

Num meio-dia de fim de primavera
 Tive um sonho com uma fotografia.
 Vi Jesus Cristo descer à terra.
 [...]
 (PESSOA, 1946, p. 32)

A Natureza é partes sem um todo.
 Isto é talvez o tal mistério de que falamos.
 Foi isto o que sem pensar nem parar,
 Acertei que devia ser a verdade
 Que todos andam a achar e que não acham,
 E que só eu, porque a não fui achar, achei.
 (PESSOA, 1993, p. 72)

Mestre, meu mestre querido!
 Coração do meu corpo intelectual e inteiro!
 Refúgio da saudade de todos os deuses antigos,
 Espírito humano da terra materna,
 Flor acima do dilúvio da inteligência subjetiva...
 Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,
 Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de mim!
 Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
 Acordaste-me, mas o sentido do ser humano é dormir.
 (PESSOA, 1944, p. 31)

É notório observar a singelidade, a objetividade e a visão diferenciada de Caeiro para a sensação e/ou observação de figuras, objetos, seres abstratos e concretos, do mesmo jeito que o sentido da percepção humana em suas poesias. Também é importante perceber e até mesmo identificar o sentimento para com o seu mestre Caeiro ao qual Álvaro de Campos deixa transparecer ao chama-lo de meu mestre querido. O sentimento é exposto por “liberdade”, “acordar-me”, “Espírito humano”, “Terra”. Nas palavras de Pereira (2018, p. 264)

A heteronímia é muito autoral, querendo dizer com isso que cada poeta-ficção tem uma caracterização bem realizada numa paixão que lhe é própria – não se pode confundi-los. [...] Não há falar-se, na poesia pessoana em imitação de ação; o que há é imitação de caracteres, e por consequência de paixões.

A poesia pessoana em Caeiro, para os leitores menos familiarizados, aparenta ser uma poesia simples ou até mesmo sentimental e simplista, porém é preciso atentar ao que Reis fala sobre o seu mestre, enquanto ser heterônimo, e o próprio Fernando Pessoa, enquanto ser ortônimo. Segundo Da Rocha (2016), o poeta heterônimo Alberto Caeiro é o heterônimo mais objetivo de Fernando Pessoa, não é à toa que é considerado o mestre do ortônimo e de seus outros heterônimos. A essência do poema pessoano em Caeiro é voltado à vida no campo,

contato puro e direto com o universo orgânico, o mundo das sensações, não existe simplesmente impressões subjetivas.

Para Massuno (2010) em concordância com Da Rocha (2016) e Pereira (2018), a visão pessoana em Alberto Caeiro se traduz em viver sem dor, não existe angústia em envelhecer, experimentar a solidão não é sofrer, mas sentir-se como um ser uno, uno com a natureza, com as sensações mais puras da vida, é observar o mundo com a leveza da alma e o mais íntimo do ser, ser levado a sentir o sentimento da alma através da própria natureza, daí a singelidade profunda da poesia pessoana em seu heterônimo Alberto Caeiro.

O único sentido íntimo das cousas
 É elas não terem sentido íntimo nenhum.
 Não acredito em Deus porque nunca o vi.
 Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
 Sem dúvida que viria falar comigo
 E entraria pela minha porta dentro
 Dizendo-me, Aqui estou!

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
 De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
 Não compreende quem fala delas
 Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)
 Mas se Deus é as flores e as árvores
 E os montes e sol e o luar,
 Então acredito nele,
 Então acredito nele a toda a hora,
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
 E os montes e o luar e o sol,
 Para que lhe chamo eu Deus?
 Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
 Porque, se ele se fez, para eu o ver,
 Sol e luar e flores e árvores e montes,
 Se ele me aparece como sendo árvores e montes

E luar e sol e flores,
 É que ele quer que eu o conheça
 Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
 (Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
 Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
 Como quem abre os olhos e vê,
 E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
 E amo-o sem pensar nele,
 E penso-o vendo e ouvindo,

E ando com ele a toda a hora.
(PESSOA, 1993, p. 28)

4 O GUARDADOR DE REBANHOS DE ALBERTO CAEIRO

Estudar a obra de Fernando Pessoa é contemplar a vida através do outro, é desapegar-se de si mesmo e permitir ao pensamento ir além de outras imagens, é deixar o caos cotidiano e se levar pela sutileza da alma através das reflexões do poeta Fernando Pessoa e de seus heterônimos.

Pensar em Fernando Pessoa enquanto poeta e na construção de seus poemas é render-se ao poeta que tem dentro de si outros poetas, é ter religiosidade e paganismo, filosofia e anti-filosofia interagindo entre si dentro de um mesmo ser ortônimo, é ver além de sua própria estatura, é visualizar a imensidão da beleza das coisas naturais, como reflete Caeiro em seus poemas (CAVALCANTI FILHO, 2012).

A este respeito, é necessário ao leitor debruçar-se, ler e/ou reler os poemas pessoanos, ver a poesia de Caetano de Castro como experiência que transcende a visão simplista das coisas. Mediante o que diz Massuno (2010) ao ler *O Guardador de Rebanhos*, a leitura e a própria obra convida o leitor a ter uma experiência singular, que ao mesmo tempo produz um sentimento de sensações vividas e experimentadas, pois ali já não se vê o mundo de maneira pequena, mas se expande o olhar naquilo que se pode realmente ver; é sentir, ao mesmo tempo, se tem o convite na leitura de, por exemplo, experimentar a sensação de pisar na grama, sentir o orvalho da manhã, é se deixar levar dentro de si mesmo, o leitor, a apreciar o gosto de sua fruta predileta enquanto a degusta, a poesia de Pessoa permite conhecer estas sensações. Diante disso, é possível admirar a produção que vem de dentro da alma do poeta através da criação de outros poetas dentro de si mesmo (FABER, 2018).

Dessa forma, analisar a obra *O Guardador de Rebanhos* é um convite ao leitor, de sair de sua própria concepção de visão de mundo e de arte, e deixar-se levar pela expressão do poeta gentil, do heterônimo ingênuo; permitir-se sentir as sensações humanas enquanto lê o poema, e ao mesmo tempo, ver o mundo na perspectiva do outro, o heterônimo, vendo então a sua própria identidade de ser, dentro de outro ser, o ortônimo. Estudar a obra de Caetano de Castro faz o leitor ter uma experiência mais real do fenômeno sensacionista que é manifestado nos poemas de Caetano de Castro, como na própria sensação que os seus poemas levam o leitor a conhecer no processo de leitura desse fenômeno da produção artística pessoana (MATOS, 2011).

No ano de 1925, a obra do heterônimo Alberto Caetano de Castro é apresentada ao público. Foi naquele ano então, que a poesia de Caetano de Castro seria conhecida tal como o seu estilo único de ver o mundo e transcreve-lo no seu sensacionismo, apresentando-se um estilo próprio e peculiar de produção literária (CAVALCANTI FILHO, 2012).

A obra *O Guardador de Rebanhos* é composta de 49 poemas, que de acordo com Matos (2011) em concordância com Bispo (2020), teve sua primeira publicação em fevereiro de 1925 na revista *Athena*, em suas 4ª e 5ª edições, com a exceção do poema 8º, que foi publicado na *Revista Presença* em 1931.

Analisar *O Guardador de Rebanhos* é tentar compreender o pensamento pessoano em Caetano de Castro, é conhecer o heterônimo, como já visto anteriormente, para poder degustar dessa obra em sua plenitude e igualmente a envolver, visto que será impossível não as tê-las durante a leitura, principalmente pelo modo em que foi concebida, com as sensações afloradas em Pessoa por seu mestre Caetano de Castro na noite de 1914.

4.1 A natureza, o sensacionismo e a filosofia

No primeiro poema dos quarenta e nove que escritos de forma triunfal e única, nas palavras do próprio Fernando Pessoa através do seu mestre Caeiro, já é descrita uma das primeiras sensações que Caeiro irá apresentar ao leitor.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse.
 Minha alma é como um pastor,
 Conhece o vento e o sol
 E anda pela mão das Estações
 A seguir e a olhar.
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado.
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Para a nossa imaginação,
 Quando esfria no fundo da planície
 E se sente a noite entrada
 Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
 Porque é natural e justa
 E é o que deve estar na alma
 Quando já pensa que existe
 E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
 Para além da curva da estrada,
 Os meus pensamentos são contentes.
 Só tenho pena de saber que eles são contentes,
 Porque, se o não soubesse,
 Em vez de serem contentes e tristes,
 Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
 Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos
 Ser poeta não é uma ambição minha
 É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes
 Por imaginar, ser cordeirinho
 (Ou ser o rebanho todo
 Para andar espalhado por toda a encosta
 A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),

É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
 Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz

E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
 Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
 Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
 Sinto um cajado nas mãos
 E vejo um recorte de mim
 No cimo dum outeiro,
 Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
 Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
 E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
 E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
 Tirando-lhes o chapéu largo
 Quando me veem à minha porta
 Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
 Saúdo-os e desejo-lhes sol,
 E chuva, quando a chuva é precisa,
 E que as suas casas tenham
 Ao pé duma janela aberta
 Uma cadeira predileta
 Onde se sentem, lendo os meus versos.
 E ao lerem os meus versos pensem
 Que sou qualquer coisa natural —
 Por exemplo, a árvore antiga
 À sombra da qual quando crianças
 Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
 E limpavam o suor da testa quente
 Com a manga do bibe riscado.
 (PESSOA, 1993, p. 21)

Ao fazer uma primeira leitura do primeiro poema de *O Guardador de Rebanhos*, são vistos traços próprios de expressar os sentimentos do poeta, Caetano fala de forma simples e direta, como quem conversa, ou até mesmo que transmite a sua sensibilidade em uma poesia em forma de carta, em versos. Deste modo, é notado um caráter anti-metafísico, mais sensorial que o pastor utiliza em seu estilo filosófico de descrever as suas sensações, e isto é traduzido nas palavras de Bezerra (2016, p. 64):

O conjunto das coisas é a Natureza revelada pela figura do pastor – “Minha alma é como um pastor – e continua: “Conhece o vento e o sol \ E anda pela mão das Estações \ A seguir e a olhar. \ Toda a paz da Natureza sem gente \ Vem sentarse a meu lado”. A alma/pastor busca as coisas – vento, sol, Estações e paz da Natureza – como um acontecimento natural, integrado à experiência existencial/sensorial. Adiante a alma/pastor vê-se diante de uma nova realidade: “Sinto um cajado nas mãos \ E vejo um recorte de mim \ No cimo do outeiro”. Para que serve um cajado? Para amparo. O eu poético se

apresenta recortado, fragmentado, daí precisa de amparo. O amparo é dado pela imagem da Natureza. Os elementos constitutivos da natureza humana são estendidos aos elementos da Natureza física: “Saúdo-lhes e desejo-lhes sol \ E chuva, quando a chuva é precisa”. O desejo não é adoração narcísica, o desejo é necessidade natural – “[...] quando a chuva é precisa.” A poética caeiriana é alegórica (Allegoria, do grego, significa dizer o outro) na medida em que busca mostrar o que o drama moderno esconde. O eu poético recluso no cimo do outeiro não pertence à multidão moderna, não faz parte dessa engrenagem chamada de modernidade.

Alberto Caeiro já demonstra sua singular maneira de construção poética, é o estilo do poeta ingênuo como bem pontua Rocha (2016), já visto anteriormente. Nesse sentido, Caeiro se utiliza do caráter sensacionista em sua produção literária, onde em seu primeiro poema não existe o uso da metafísica, mas de uma filosofia com o realismo sensorial, ou seja, das sensações humanas.

Para Corvacho (2011), o pensamento filosófico de Caeiro é a negação da filosofia, que se converte em uma filosofia de sensações, o poeta diz que nunca guardou rebanhos mas era como se os guardasse, assim ele sentia que o rebanho era algo além de animais cujo o pastor tem o dever de guia-los e defende-los, o rebanho era os seus pensamentos, e as suas sensações vividas eram retratadas em forma de poema, ao dizer que o vento e o sol que anda pela mão da estação evidencia em seu realismo poético que sabe a sensação do vento batendo em seu corpo, o calor do sol, que diferencia e vive cada momento das diferentes estações do ano, tal como as experiências de sensações humanas vividas.

Também é observado que Caeiro desfruta de intimidade com aquilo que retrata em seus versos, principalmente a natureza, a qual remete ao poeta ingênuo, a sua ingenuidade é retratada por sua relação direta com o mundo natural. A sua própria existência se deu não pelo próprio mérito do poeta, mas pela sua relação com a própria natureza, a metafísica já não importa, mas as sensações que elaboram, norteiam, produzem e são o elemento chave para a existência da filosofia sensorial do poeta Caeiro.

Com isso, a experiência do poeta com a natureza, com as sensações vividas e sentidas, através dos sentidos de ver, ouvir, tocar, andar, ou seja, a sua própria maneira de ver e sentir o mundo ao seu redor no meio natural, é aquilo o que expande a sua consciência criativa para que exista essa poesia sentimental, desapegada de normas cultas e suas regras de etiqueta de produção literária, mas define a sua criação ingênua e ao mesmo tempo dotada de uma sensibilidade que em seus versos mostram os verdadeiros sentimentos do poeta.

Dessa forma, a natureza e as sensações para o poeta não são meramente clichês do simples cotidiano, ou a poesia é dotada de uma vã filosofia, Caeiro não deseja e nem acrescenta nenhuma imaginação, algo inventado por ele mesmo, à natureza e/ou aos sentidos sensoriais,

mas o sentir, o viver, o experimentar as coisas e delas conseguir ver de uma forma filosófica sensorial natural a beleza real e não abstrata das coisas existentes e transcreve-las em seus poemas, o poeta através do seu poema conduz a leitura prazerosa aliada ao sentir as sensações na própria alma (CHRIST, 2009).

No segundo poema do *Guardador de Rebanhos*, Caeiro mostra o seu olhar sobre as coisas reais e sentidas, fala do seu amor pela natureza e evidencia o ser ingênuo em sua forma poética como bem evidenciou Álvaro de Campos sobre o seu mestre, ao dizer que o poeta Caeiro por ter harmonia com a própria natureza, visto que viveu no campo e não na cidade, registrou as sensações sem importar-se com o pensamento racional, não limitou-se a simplesmente pensar ou refletir, mas como alguém que escrever uma carta de modo em gênero epistolar, que falar e descreve algo em carta para alguém, Caeiro em forma de poesia retrata aquilo que é percebido pelos sentidos, a construção de sua poesia filosófica, embora diga que não tenha filosofia, leva o leitor a convencer-se de que a relação homem x natureza, deve ser natural, experimentada, o pensamento aqui é o sentir (VICENTE, 2013).

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...
(PESSOA, 1993, p. 24)

Diante disso, para Christ (2009, p. 14):

Por seu olhar aguçado, Caeiro consegue ver, pensar com os sentidos, possui uma nova forma de pensar que permite que seja completo. Com os sentidos, afirmando cada instante como ele é, na imanência, Caeiro pensa sem pen(s)ar. O mestre é o mestre, porque vive sob o regime da diferença ontológica, o que lhe permite ver tudo como pela primeira vez, sempre diferentes. [...] Caeiro é livre por não opor pensamento à sensação, nele essa relação se dá por osmose, os seus pensamentos são todos sensações; mas isso não quer dizer que sejam a mesma coisa, são diferentes, tudo é sempre diferente, no entanto, eles não se opõem.

A poesia de Caeiro também traz a fenomenologia³ como característica de sua obra, no tocante a essa questão relembra-se que o próprio Caeiro diz não usar a filosofia na construção

³ A fenomenologia é um estudo que fundamenta o conhecimento nos fenômenos da consciência. Nessa perspectiva, todo conhecimento se dá a partir de como a consciência interpreta os fenômenos. Esse método foi desenvolvido inicialmente por Edmund Husserl (1859-1938) e, desde então, tem muitos adeptos na Filosofia e em diversas áreas do conhecimento. Para ele, o mundo só pode ser compreendido a partir da forma como se manifesta, ou seja, como aparece para a consciência humana. Não há um mundo em si e nem uma consciência em si. A consciência é

de sua própria obra, daí se tem uma não-filosofia na visão caeiriana que produz uma forma de filosofia que leva ao realismo sensorial que está presente em sua obra. Para tanto, Carneiro (2011, p. 26) observa que:

Podemos fazer a leitura de que Caeiro propõe uma arrumação das ideias. Arrumar a “Realidade”, com o apoio da “Sensação” e da “Percepção”, utilizando a observação, a partir de “ideias simples”. Desta forma repõe-se a “desarrumação” dos homens, derivada de não perceberem a essência real das coisas. A comparação com a fenomenologia estabelece-se porque Husserl também pretende uma arrumação de ideias para chegar a uma análise objectiva da realidade. Neste processo de análise dos objectos, factores como a percepção e as sensações são igualmente importantes [...].

Diante disso, existe verdade quando o heterônimo pessoano Álvaro de Campos diz que o seu mestre Caeiro foi o único poeta com profunda sinceridade do mundo, essa visão era compartilhada pelo ser ortônimo Fernando Pessoa, a singelidade do poeta camponês, estava na forma clara em que ele descreveu as sensações vividas, nesse tocante ainda que negasse existir o pensamento da filosofia, existiu em sua obra a fenomenologia, e para tanto outros aspectos como o paganismo que também fazem parte da obra poética, visto que o poeta em sua simplicidade externava as suas sensações bem como o teor filosófico ao falar em Deus através da natureza.

4.2 Deus como abstrato, paganismo como essência, o cristo por Caeiro

O paganismo faz parte da obra de Caeiro, na obra caeiriana o ateísmo é uma característica marcante, o poeta mestre de Pessoa não acreditava no abstrato, na existência de um Deus que ele não conseguia ver, como indivíduo naturalista/sensacionista, ele via o próprio Deus em sua obra, neste caso, Deus seria a própria natureza e a própria natureza seria a mais pura essencial de Deus para a humanidade.

Ricardo Reis, heterônimo pessoano, retrata em suas recordações sobre o seu mestre Caeiro, não era simplesmente pagão, mas o próprio paganismo, para Ricardo Reis, o mestre Caeiro seria a consubstanciação da filosofia pagã, para tanto, com isso descreve Souza (2015, p. 257-258):

A obra de Caeiro representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como os gregos nem os romanos, que viveram nele e por isso o não pensaram, o puderam fazer. A obra, porém e o seu paganismo, não foram nem pensados nem até sentidos: foram vividos com o que quer que seja

responsável por dar sentido às coisas. Na filosofia, um fenômeno designa, simplesmente, a forma como uma coisa aparece, ou manifesta-se, para o sujeito. Ou seja, trata-se da aparência das coisas. Sendo assim, todo o conhecimento que tenha como ponto de partida os fenômenos das coisas podem ser compreendidos como fenomenológicos. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fenomenologia/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão. (...) O Grande Pã renasceu!

Com efeito, Ricardo Reis ao exaltar o paganismo de Caeiro, ele antes de tudo, faz uma diferenciação do paganismo grego e romano, mesmo estes estando imersos no paganismo vivendo dentro desse universo pagão, eles não pensaram nele. Seus pensamentos não eram iguais aos de Caeiro, mesmo sendo ignorante nas letras, visto que era devido à sua pouca instrução formal no tocante à educação que o poeta não teve com o seu pouco de convívio com a própria literatura e sendo um homem de uma simplicidade única, vivida no campo, Caeiro diferentemente dos gregos e romanos foi totalmente capaz de reconstruir a essência do paganismo em sua totalidade (ROQUE, 2011).

Para tanto, Cavalcanti Filho (2012), retrata esse traço marcante de Caeiro na construção de sua poesia pagã, ao privilegiar os sentidos, para ele, Caeiro, a existência é o próprio significado, é o concreto, o real, o existir já é o bastante, o fato de existir já responde aos questionamentos, não o abstrato que não se vê, não se toca.

Ao falar no abstrato que gregos e romanos viveram em seu paganismo, Roque (2011), retrata um outro nível de profundidade na construção poética de Pessoa em Caeiro, os valores cristãos de mais de dois mil anos, os ditos valores cristãos, vão muito além no pensamento caeiriano, o ateísmo de Caeiro toca na ferida na consciência dos homens ao questionar quem é Deus, como ele se mostrou a humanidade e como com ela convive, para muitos uma blasfêmia em pensar nesses questionamentos, porém Caeiro ultrapassar o sensor comum ao questionar a essência de Deus.

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
 Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
 Por isso se nos não mostrou...
 Sejam simples e calmos,
 Como os regatos e as árvores,
 E Deus amar-nos-á fazendo de nós
 Belos como as árvores e os regatos,
 E dar-nos-á verdor na sua primavera,
 E um rio aonde ir ter quando acabemos! ...
 (PESSOA, 1993, p. 31)

Num meio-dia de fim de primavera
 Tive um sonho como uma fotografia.
 Vi Jesus Cristo descer à terra.
 Veio pela encosta de um monte
 Tornando outra vez menino,

A correr e a rolar-se pela erva
 E a arrancar flores para as deitar fora
 E a rir de modo a ouvir-se de longe.

A mim ensinou-me tudo.
 Ensinou-me a olhar para as cousas.
 Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
 Mostra-me como as pedras são engraçadas
 Quando a gente as tem na mão
 E olha devagar para elas.
 Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
 Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
 Ele é o humano que é natural,
 Ele é o divino que sorri e que brinca.
 E por isso é que eu sei com toda a certeza
 Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
 É esta minha quotidiana vida de poeta,
 E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
 E que o meu mínimo olhar
 Me enche de sensação,
 E o mais pequeno som, seja do que for,
 Parece falar comigo.

Esta é a história do meu Menino Jesus.
 Por que razão que se perceba
 Não há de ser ela mais verdadeira
 Que tudo quanto os filósofos pensam
 E tudo quanto as religiões ensinam?
 (PESSOA, 1993, p. 32)

Em ambos os poemas Caeiro fala sobre Deus, no poema VI, o poeta rompe com a tradição cristã no tocante a pensar em Deus, a questionar sobre a própria existência de Deus e existe um convite na poesia a refletir o motivo pelo qual Deus não se mostrou a humanidade. Segundo a Bíblia Sagrada (1969), quando Moisés teve o seu encontro com Deus, a figura máxima do cristianismo se apresentou na forma de uma sarça ardente e pediu para Moisés tirar as suas sandálias pois ali era uma terra santa, porém Moisés não viu a face de Deus, o mesmo Deus ao entregar as tábuas da Lei para Moisés

Na Nova Versão Internacional da Bíblia Sagrada (1993), no livro do Êxodo, em seu capítulo 19, quando o povo de Israel chega ao Monte Sinai, Deus fala para Moisés que viria numa densa nuvem e falaria com o seu povo e lhes daria ordenanças, as suas palavras ao povo israelita. Observa-se que Moisés não viu a face de Deus, nem o próprio povo israelita, Deus apresentou-se em forma de uma sarça ardente e em forma de nuvem e sua voz foi ouvida

conforme o livro sagrado cristão, desse modo, Roque (2011) leva a entender que Caetano questionava como seria Deus e no imaginário dos cristãos pensar na forma real de Deus seria algo profano.

No verso VIII retrata através dos seus sentidos o Deus, o Cristo que ele realmente acredita existir, o Cristo mostrou-se a Caetano em forma de criança, sentia as sensações que a vida proporciona, correr, brincar, pular, deitar no chão, é o Cristo humano, natural, que fez o homem a sua imagem e semelhança conforme retrata a Bíblia Sagrada (1969), é o ser divino que sorri, que anda junto ao poeta e o inspira, é o Deus diferente daquilo que os religiosos pregam, que as várias filosofias de alguns poetas descrevem, o Deus para Caetano é sentimento, é ter feito todas as coisas e estar em todas as coisas, Deus está naquilo que se vê e se sente, no poema caetano fica explícito a ideologia antirreligiosa e ao mesmo tempo o discurso contraditório entre pensar e o sentir (FORCONI et. al, 2012).

Ao trazer Cristo de volta à Terra e fazer com que ele viva ao lado de um artista, Caetano materializa uma troca de experiências que coloca o divino e o humano no mesmo degrau. Para isso, ele se vale tanto da dessacralização do texto bíblico, humanizando a figura de Cristo ao longo do poema, quanto da sacralização do texto literário, no sentido em que eleva a importância do fazer poético, refletindo-o como um acordo íntimo entre o humano e o divino. (LEITE, 2016, p. 6)

Na visão do mestre dos heterônimos, o Cristo desceu dos céus em forma de menino, diferentemente do Cristo que subiu aos céus no livro dos Atos dos Apóstolos em seu capítulo 1 e versículos 9 à 11, conforme a Bíblia Sagrada (1969) e Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional (1993), no poema o sentido físico é detalhado, nele o Cristo não subiu aos céus em forma gloriosa, mas desceu dos céus na forma humana, de criança, correu, brincou, andou lado a lado com o poeta, é um ser natural tão qual a natureza, não era a imagem abstrata de um Deus, mas o Deus menino (LEITE, 2016).

É absolutamente necessário notar que nos versos anteriormente citados, que além do paganismo do poeta mestre, a construção de sua poesia caetano traz consigo o panteísmo⁴ em sua essência natural e que fica evidente todas as vezes em que o poeta retrata o divino e a natureza, para que isso seja justificado, Forconi et. al. (2012, p. 28) comentam:

⁴ A expressão 'Panteísmo' deriva do grego 'pan', que tem o sentido de 'tudo'; e de 'theos', que significa 'Deus'. Desta forma este termo se traduz aproximadamente por 'tudo é Deus'. Segundo esta doutrina, Deus está presente em todo o Universo, em cada elemento; ela defende igualmente a existência de várias divindades ligadas aos mais variados componentes da Natureza. Disponível em: <https://www.infoescola.com/religiao/panteismo/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Alberto Caeiro tem o panteísmo como traço forte de sua lírica. Seus poemas, como vemos na sequência, exaltam a natureza e as sensações proporcionadas por ela como coisas divinas, mas que – teoricamente – não foram criadas por Deus, são Deus. Apesar de, em tese, negar a crença num Ser uno e supremo e renegar a Igreja Católica e seus dogmas, Caeiro mostra algumas tentativas de pertencimento ao mundo ao seu redor, e que acredita e vive essa crença.

Desse modo, Pieper (2011, p.376) diz que:

O poema de Caeiro pode ser aproximado da fé enquanto experiência religiosa, pois esta é um modo possível de descerrar sentido à existência, penetrando em sua dinâmica mais própria: “reconhecer o pertencimento a uma tradição não significa completa submissão a-crítica aos conceitos prévios herdados, como se a experiência religiosa fosse apenas a repetição do que está estabelecido.

4.3 O sentimento real em forma de poema

Na obra o *Guardador de Rebanhos*, o verso IX retrata a melhor definição do realismo sensorial de Caeiro, no poema o poeta externa ao leitor que ele não pensa, mas sente, pensar é sentir com os sentidos, os olhos, as mãos, os pés, o nariz e a boca, assim valorizando os sentidos humanos, como visto no poema a seguir.

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todas sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto.
 E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz.
 (PESSOA, 1993, p. 39)

Para Souza (2015), a obra caeiriana tem relação íntima na sua construção poética com a natureza, para isso os sentidos entram em contato com o mundo real, no sentido de se viver as coisas, não são os simples pensamentos, aquilo que se pensa na mente humana, mas a poesia surge do contato real e não imaginário com o mundo real, os sentidos humanos são o núcleo

central que permitem o poeta construir a sua obra dotando de experiências e sensações vividas a sua forma poética de descrever os seus reais pensamentos filosóficos.

Carneiro (2011, p.35), pontua que:

A realidade é constituída pela intuição imediata dos objectos através das sensações. Esta intuição permitida pelos sentidos permite chegar à verdade objectiva das coisas. É a constituição do objecto no pensamento através da experiência unicamente sensual. [...] A sua apreensão dos fenómenos dá-se pelas sensações e permanece apenas nestas.

É de uma maneira simples e natural que Caeiro passa a emoção dos sentidos em sua poesia, para Provinciatto (2019), o camponês expressa aquilo que sua vida realmente é, não é algo inventado, imaginado, mas existe verdade naquilo que o camponês relata sobre o campo, tal qual Caeiro que era um poeta camponês.

A sua obra possui a verdade que vem dos sentidos através da sua alma, as sensações vividas, o pertencer ao lugar, o olhar a paisagem e a observância de suas transformações, seja diariamente, ou nas estações que compõem o ano, primavera, verão, inverno ou outono. Para Lucena (2020, p. 19) “as sensações apreendem informações do mundo sensível de forma verdadeira que, entretanto, podem mudar de indivíduo para indivíduo”, desse modo cada indivíduo tem as suas próprias sensações, as suas próprias experiências, porém essas sensações são verdadeiras, pois tal como foram para Caeiro, elas são vividas e sentidas.

Lucena (2020, p. 21) complementa:

Isso retrata que Caeiro prega a vivência acima da consciência, porque não é sentimentalista, mas sim realista, nem admite subjetivismos, sendo contra a interpretação do real pela inteligência que, para ele, limita a realidade, deixando por conta dos sentidos a assimilação. [...] Isso mostra que o dito é coerente com sua crença sobre a verdade. Então, ao afirmar, por exemplo, que “comer um fruto é saber-lhe o sentido”, para ele, isso é tão verdadeiro quanto uma flor existir para ser vista e aspirada, pois admite como verdade tudo que possa comprovar com suas sensações.

A poesia de Caeiro além de todas as qualidades já destacadas, possui antes de tudo sensibilidade e realismo quando retrata as sensações vividas pelo poeta ingênuo, o processo de criação em Caeiro é único, não à toa que tornou-se o mestre dos heterônimos, além do próprio Pessoa. O processo de criação através dos sentidos dota de profunda originalidade o *Guardador de Rebanhos*, o próprio conceito estético de criação de Caeiro dá ênfase ao sensacionismo do que ao simples pensamento, portanto existe verdade em sua criação, tal verdade vem do sentimento vivido (ARAUJO, 2017).

Portanto, a obra de Alberto Caeiro, *O Guardador de Rebanhos*, possui além de um estilo próprio de construção poética e filosófica, mesmo negando a própria filosofia, possui verdade naquilo que retrata em forma de poema, as sensações vividas pelo poeta em Caeiro, expressam sensações outrora vividas, o conflito religioso com o paganismo de Caeiro em relação ao sagrado ligado ao panteísmo, retratam a complexidade humana que é de forma simples expressada pelo poeta através da sensibilidade do poeta heterônimo pessoano, o mestre, seus elementos naturais através das sensações transmitem em sua essência paz e serenidade em sua construção poética (POGGETTI, 2019).

5 HETERÔNIMOS BRASILEIROS: EXISTEM “OUTROS” DANDO CONTINUIDADE A OBRA DE FERNANDO PESSOA

Após analisarmos *O Guardador de Rebanhos*, destacamos outro elemento importante, de que existiram e existem outros poetas que também se utilizam de heterônimos em suas produções literárias. Tal continuidade foi feita no Brasil por Bruno Lúcio de Carvalho Tolentino Sobrinho, ou simplesmente Bruno Tolentino, como é bem conhecido no meio intelectual brasileiro, tinha como heterônimo “Sóror Katharina”.

Para que isso seja verdadeiro, Silva (2018, p. 59) descreve que:

A suposta autora destas páginas, tivesse sido encarnada numa só pessoa física, teria nascido em Veneza, aos 11 de novembro de 1861, como Elizabeth Katharina Maia von Herzogenbuch e falecido aos 29 de outubro de 1927, no Convento das Carmelitas Descalças de Innsbruck, como Sóror Katharina da Anunciação [...].

A afirmação de Silva (2018) se faz com base na obra de Tolentino intitulada *As Horas de Katharina*, publicado em 1994, que se assemelha aos heterônimos de Fernando Pessoa, o seu heterônimo Sóror Katharina, era uma mulher que tinha em sua biografia: data de nascimento e de morte, bem como o lugar onde se deu esta última afirmação.

Raimundo de Moraes⁵, poeta pernambucano, também é outro exemplo atual de poeta brasileiro que se utiliza de heterônimos, usa os heterônimos Aymmar Rodríguez e Semíramis. Pereira (2015) destaca o poeta pernambucano que de maneira semelhante à Fernando Pessoa usa máscaras para escrever uma nova personalidade que possui um estilo próprio de criação poética e que se diferencia do eu ortônimo. Desse modo, ele destaca que Semíramis, heterônimo de Moares, é uma artista plástica, filha de um casal sueco que fugiu da segunda guerra mundial, tendo como rota Portugal, Brasil e os Estados Unidos. Aymmar Rodrigues, seu outro heterônimo, o mais antigo deles, é ateu, não se parece com o seu ortônimo, sendo o oposto deste.

Por fim, temos o heterônimo brasileiro Marcos Alexandre Faber que traz uma grande contribuição para a literatura com o seu viés pessoano em sua construção poética em seus

⁵ Raimundo de Moraes é jornalista e publicitário, e um dos editores do Portal Literário Interpoética. Vem da eclética geração do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco, que agitou as ruas do Recife na década de 1980. *Tríade* é o seu segundo livro solo, e pela primeira vez na história da literatura pernambucana uma mesma obra reúne três vozes distintas, unidas pelo processo da heteronímia. Em 2010 - na persona de Aymmar Rodríguez - publicou também *Baba de Moço*, através da Livrinho de Papel Finíssimo. Publicações em coletâneas: *Recife conta o São João* (2008, Fundação de Cultura Cidade do Recife); *antologia nacional Dedo de Moça* (Ed. Terracota, 2009) e demais coletâneas. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/raimundo_de_moraes.html. Acesso em: 04 abr. 2020.

poemas e microcontos. Em sua obra, *O Lampejo do vaga-lume e outras narrativas* de 2018, especialmente no microconto “Charles Robert Anon, a invenção de ser outro”, Faber (2018) utiliza-se na construção de seu microconto de uma linguagem que fica clara ao leitor que atualmente existem pessoas no mundo pensando e escrevendo sob a perspectiva dos heterônimos de Fernando Pessoa.

Neste sentido, destacam-se alguns trechos que deixam evidente:

Eu tenho a teoria de que alguns pseudônimos ilustres são, na realidade, heterônimos pois, mais do que uma plástica, sonoridade ou a condição de anonimato, permitem todo um campo de construção poética diversa da personalidade dos seus autores. Quer dizer, eles não produziram tais obras se não tivessem as máscaras (FABER, 2018, p. 28-29).

Faber retrata o uso de máscaras na produção poética, as mesmas máscaras que Fernando Pessoa utilizava para tal fim de produção artística. O conto também faz um relato que um especialista da poesia pessoana teve que viajar, para que pudesse escrever tese, artigos e quase uma ficção sobre um heterônimo menor. Dessa maneira, compreende-se que existem outras pessoas buscando compreender os heterônimos de Pessoa, levando-as a experimentar novas sensações, novas experiências de vida, afim de escrever novas poesias através da visão do outro.

O mundo de sensações é descrito daquilo que se viu e se sentiu, pesquisar e descrever Fernando Pessoa é ir além daquilo que se conhece, é viajar, ver coisas novas e diferentes, é experimentar talvez uma viagem a pé, ou de ônibus, é ver a cidade ou o campo com outros olhares, suas gentes, seus costumes, seus povos, e com isso deixar florir o outro dentro de si para que construa a sua obra em forma de poesia vinda dos sentimentos da alma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Fernando Pessoa convida os seus leitores a uma profunda reflexão sobre os mais diversos sentimentos humanos. A sua poesia desnuda por completo o que habita no mais íntimo d'alma do poeta, bem como acende o fogo das sensações já vividas pelo leitor. Para que isso aconteça, a produção pessoana consegue conectar o pensamento filosófico à uma não filosofia criada pelo próprio Pessoa como poeta.

O medo e a admiração pelo oculto, pelo sagrado e pelo profano se juntam concomitantemente em que se perde o medo em ser um simples pecador à interrogação da existência de Deus, e com isso é possível ver Deus na forma de menino sorrindo e a sua presença em todas as coisas criadas na natureza.

Ler Fernando Pessoa é um convite para decifrar uma verdadeira plêiade da língua portuguesa. A sua heteronímia leva-nos a um passeio e uma imersão filosófica com o seu paganismo greco-latino, ao mesmo tempo que circula pela linha do tempo da melhor poesia lusitana, num trajeto que vai desde as cantigas em redondilhas maior e menor ao modernismo da Geração de Orpheu.

Para um pouco do entendimento dessa profusão do eu-lírico pessoano com os seus heterônimos esta pesquisa recorreu à carta endereçada ao amigo Adolfo Casais. Nessa epístola encontra-se parte da história da criação heteronímica de Pessoa. Como bem pontuam Massuno (2010) e Cavalcanti Filho (2012), Fernando Pessoa enquanto ser ortônimo, tinha as suas dúvidas, as suas crises existenciais, sua admiração pelas coisas esotéricas, porém apesar de tudo, não era um louco. Para tanto, Palomba (2003) ajuda explicar que o poeta com os seus "outros" eus, é diferenciado de pessoas com personalidades sociopatas, pois Pessoa não sofria de um distúrbio mental, pelo contrário, era um ser dotado de inteligência literária e poética, algo que foi essencial para que surgissem os heterônimos.

Alberto Caeiro, o poeta mestre da heteronímia do poeta lisboeta, conseguiu verdadeiramente expressar à natureza. Suas palavras são uma espécie de ausência de harmonia sem a presença do caos. Simplicidade tão bonita quanto um conjunto de flores numa manifestação única e translúcida do momento vivido e nunca repetido. Os seus poemas possuem a realidade das pedras em sua singularidade. Eles dizem o puramente único, completo e absolutamente real do que o exterior oferece como uma aparência finda para uma alma que é apenas externa. Por isso, o mestre Caeiro é necessário, sua existência sensacionista e simples é a razão maior da admiração de Pessoa e de seus heterônimos.

Alberto Caeiro é o retorno do homem à natureza e aos deuses. Uma criança pagã que volta à "religião universal que só os homens não possuem", o sol, as montanhas, a chuva, as flores, exterioridade absoluta e reconciliada com a sensação. Para falar sobre a poética de Alberto Caeiro é necessário despir-se da vã filosofia, da visão limitada daquilo que os olhos podem ver, é mister observar o rio ou o mar em sua imensidão infinita, sentir o chão molhado, o calor do sol no rosto, o gosto das coisas pelo paladar, é preciso reconhecer a Natureza nos atos mais simples da vida. É fundamental que a própria crítica se revista de um instrumental poético, pois só pela linguagem poética se pode falar da sua poesia.

Alberto Caeiro, enquanto ser heterônimo, em sua filosofia não-filosófica, produz uma poética própria e de excelência. Em seu texto predomina uma linguagem simples, quando comparada ao rebuscamento do latinista Ricardo Reis ou do modernista Álvaro de Campos.

Na construção de sua obra é arquitetada uma filosofia das sensações quando se distancia do pensamento e privilegia os sentidos. Desse modo, a sua poesia assume contornos inovadores e que surpreendem o próprio pensamento filosófico ao negar ser filosofia e ao mesmo tempo se tornar uma filosofia das sensações (CORVACHO, 2011).

Nas palavras de Matos (2011, p. 19):

A sensação é o processo no qual uma experiência provoca uma reação ou um efeito específico. A partir disso, poder-se-ia pensar a teoria criada por Fernando Pessoa como uma manifestação radical do pensamento empirista; entretanto, o Sensacionismo pessoano não se assenta sobre a experiência, mas sobre a sensação, puramente tal, que, de acordo com o poeta, é a base por excelência do fenômeno astístico.

Diante disso, observamos que a obra *O Guardador de Rebanhos*, em sua verdadeira essência, faz-se necessário primeiramente entender quem foi o poeta Fernando Pessoa, a criação de seus heterônimos, a justificação da existência deles na carta à Adolfo Casais e o mais importante, degustar a leitura através da singelidade e da visão original pessoana através de Alberto Caeiro.

Também podemos afirmar que gênero epistolar não morreu, apenas evoluiu. As cartas antes escritas à mão e entregues pelo serviço de correios, em sua forma física até o século XX, atualmente em pleno século XXI, com o advento das novas tecnologias, se olharmos com a visão caeiriana, ainda vive nas letras das palavras que são escritas nos e-mails, nos blogs pessoais, nos livros disponíveis na rede mundial de computadores.

A obra de Pessoa, tal qual a dos gregos, ainda desperta fascinação em seus leitores e em seus discípulos ao ponto de se poder afirmar que Fernando Pessoa talvez seja o poeta mais influente na poesia de língua portuguesa do século XXI. Da mesma forma, os seus heterônimos,

permeados de interesses, têm povoado a ficção, a exemplo de obras como *O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago e Charles Robert Anon, *O Lampejo do vaga-lume e outras narrativas* do poeta pernambucano Marcos Alexandre Faber, são obras ficcionais são baseadas nas biografias de heterônimos pessoais.

Na poesia de Alberto Caeiro, o natural supera os deuses dos homens, sendo necessária para acalmar a alma do homem moderno. Caeiro vive em nós, cada um de nós possui um heterônimo ou vários heterônimos dentro de si, basta deixá-los saírem e produzirem as suas obras.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA brasileira de letras. **Ficha de autoridade** – Pessoa. Disponível em: www.academia.org.br/acervo/terminal/index.html. Acesso em: 17 jun. 2019.

ALVES, Nathaly. **Mimese**: a revelação do real na linguagem da arte. *Movimentoculturalgaia*. 2010. Disponível em: <https://movimentoculturalgaia.wordpress.com/2010/10/25/mimese-a-revelacao-do-real-na-linguagem-da-arte/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

ANTUNES, Madalena Sofia Salgado Lobo. **De tanto pensar-me**: a consciência no Livro do Desassossego de Fernando Pessoa. 2018. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/68131/1/Madalena%20Lobo%20Antunes_tese.pdf. Acesso em: 09 mar. 2020

ARAÚJO, Daiane Walker. O poeta em ato: o processo de criação pessoana segundo Jorge de Sena. **Revista Estranhar Pessoa**, Lisboa, n. 4, p. 39-47, 2017. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/51d2b64ae4b0a433e9c0c726/t/5a1c3de2085229dcccdf9dd/1511800295190/Revista+Estranhar+Pessoa+n.+4+-+Nov.+2017.pdf#page=39>. Acesso em: 02 jul. 2020.

ARISTÓTELES. **Poética**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BERNARDES, Luana. **Poesia Ortônima**. TUDO ESTUDO. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/literatura/poesia-ortonima>. Acesso em: 03 nov. 2019.

BEZERRA, Emília Passos de Oliveira. **Sensibilidade e razão em O guardador de rebanhos, de Alberto Caeiro, e A educação estética do homem, numa série de cartas, de Friedrich Schiller**: o (re)nascimento do Homem estético. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 143, 2016. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170626131424.pdf. Acesso em: 13 jun. 2020.

Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI® Copyright © 1993, 2000 by Biblica, Inc.® Used by permission. All rights reserved worldwide. Disponível em: <https://www.biblegateway.com/passage/?search=%C3%8Axodo+19&version=NVI-PT>. Acesso em: 06 jun. 2020.

BISPO, Manuela. **O Guardador de Rebanhos**; Guia Estudo. Disponível em: <https://www.guiaestudo.com.br/o-guardador-de-rebanhos>. Acesso em 30 mar. 2020.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARNEIRO, Carlos Miguel Filipe. **Alberto Caeiro e a Fenomenologia**. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, p. 107, 2011. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7166/1/Alberto%20Caeiro%20e%20a%20Fenomenologia%20-%20Carlos%20Miguel%20Filipe%20Carneiro%20-%20Julho%202011.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Mimese: sobre processos de conhecimento, representação artística e formação na história da educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 15-31, jan./fev., 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602019000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jun. 2020.

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. **Fernando Pessoa: uma quase autobiografia**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CHRIST, Isabelle Meira. Alberto Caeiro: ver para pensar sem pen(s)ar. **O Marrare - Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 82-93, 2009. ISSN 1981-870X. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero11/isabelle.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.

CORVACHO, Suely. Estreitas relações entre Gramática e Literatura na análise de poema de Alberto Caeiro. **Anais do SIELP**, Uberlândia: EDUFU, v. 1, n. 1, p. 830-837, 2011. ISSN 2237-8758. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_1_artigo_090.pdf. Acesso em: 02 maio 2020.

COUTINHO, Afrânio. COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

DA ROCHA, Marijara Oliveira. A poesia ingênua de Alberto Caeiro. **Letras Escreve**, Macapá, v. 6, n. 1, p. 403-417, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/2818/pdf>. Acesso em: 09 abr. 2020.

DE SOUZA, Ricardo Pires. A existência segundo Fernando Pessoa: “Ninguém vê senão a alma em que ermo habita”. **Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 3, p. 1-32, 2018. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/23/163>. Acesso em: 27 out. 2019.

em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17453 >. Acesso em: 06 de junho de 2020.

FABER, Marcos Alexandre. **O Lampejo do vaga-lume** / Marcos Alexandre Faber. Recife: Ed. UFPE, 2018.

FORCONI, Daniela; DO VALE, Fernanda; DELMIRO, Ísis. **Deus e natureza: o panteísmo em Florbela Espanca e em Alberto Caeiro**. *Revista Ao Pé da Letra*, UFRPE, v. 14.1, p. 25-39, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/viewFile/231787/25931>. Acesso em: 26 maio 2020.

FRAGMENTADO. Direção: M. Night Shyamalan. Produção: Jason Blum, M. Night Shyamalan e Marc Bienstock. Roteiro: M. Night Shyamalan. EUA. Distribuição: Universal Pictures. 2017. 117 min. Título Original: SPLIT.

FUSARO, Márcia. **Da Literatura Epistolar à E-pistolar: Panorama em Rede(finições)**. *Tríade: Comunicação, Cultura E Mídia*, 2016. 4(8), 40-55. Disponível em: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2016v4n8p40-55>. Acesso em: 19 jun. 2019.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Heteronímia em Guimarães Rosa. **Revista USP**, São Paulo, n. 36, p. 18-25, 1997.

GEBRA, Fernando de Moraes. Cartas de um sincero fingidor: o discurso esotérico na correspondência de Fernando Pessoa. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 205-221, 15 jul. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/19618>. Acesso em: 06 jun. 2020.

GONZAGA, Tomás Antonio. **Cartas Chilenas**. São Paulo: DCL, 2013.

INFOESCOLA. **Panteísmo**. Religião. Disponível em: <https://www.infoescola.com/religiao/panteismo/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

LEITE, Gabriel de Amorim. **Graves como convém a um Deus e a um poeta: lírica e realismo em Alberto Caeiro**. 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22568/1/2016_GabrielDeAmorimLeite_tcc.pdf. Acesso em: 11 abr. 2020.

LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por Conhecer** - Textos para um Novo Mapa. Lisboa: Estampa, 1990.

LUCENA, Gabriela Granjeiro. **Os princípios epicuristas na poética de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa**. Monografia (Graduação em Letras) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 31, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17584/1/GGL20032020.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

MASSUNO, Tatiana de Freitas. Alberto Caeiro: a visão original. **Revista Litteris**, n. 6, nov. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/38520507/Alberto_Caeiro_a_vis%C3%A3o_original. Acesso em: 23 jan. 2020.

MATOS, Anderson Hakenhoar de. **O sensacionismo de Fernando Pessoa em Água viva de Clarice Lispector**. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 90, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28766/000770419.pdf?...1>. Acesso em: 06 maio 2020.

MENEZES, Pedro. **Fenomenologia de Edmund Husserl** - Filosofia. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fenomenologia/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MUNIZ, Fernando. **Platão contra a arte. Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 15-42, 2010. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53925902/Platao_contra_a_Arte_MUNIZ.pdf?1500568395=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPlatao_contra_a_arte.pdf&Expires=1594500032&Signature=W~cLA~11ySeZzxJMgPyq9wiWK-kz96hL3HdHupOHKA-y5z7~O7rpGAXn0X3SMWG4abo5TTxtGT5DmViEA7OCry5HAhGcSI2cCKD7PSIPNmtjgiSDBQSpBSvUBZF-uUC05TH0HmJFhiA~oIVdQ5OoJrSd51zYYkzODecK7R2jZK86hq3Kwa32Js7u4-

zQcL4HY5qCtJcz7ZDqpCZ~x7HDDF7bmSwic21rUaIc0-bORKhgdH8bhF6WUJEfO14-UEHo-nhuKHIBCOJ94w4GI-cC7G5VYOIJisIX-KNFN9k0IKbEOiteGxcwUAok8uIJSHFhT76zZ2RfBfVdvAiSxLRg~w__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 15 jun. 2020.

PALOMBA, Guido Arturo. **Tratado de psiquiatria forense civil e penal**. In: Tratado de psiquiatria forense civil e penal. 2003.

PENTEADO, Flávio Rodrigo. Jogo de Cena: Fernando Pessoa e a gênese dos heterônimos. **Revista Desassossego**, n. 7, p. 61-72, 2012.

PENTEADO, Flávio Rodrigo. Pessoa dramaturgo: uma questão crítica. **Revista Estranhar Pessoa**, Lisboa, n. 4, p. 48-62, 2017. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/51d2b64ae4b0a433e9c0c726/t/5a1c3de2085229dcccdf9dd/1511800295190/Revista+Estranhar+Pessoa+n.+4+-+Nov.+2017.pdf#page=48>. Acesso em: 12 dez. 2019.

PEREIRA, Marcelo. **Raimundo de Moraes lança livro de heterônimos e homenageia o Recife em Coesia**. Jornal do Commercio. 2015. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/03/12/raimundo-de-moraes-lanca-livro-de-heteronimos-e-homenageia-o-recife-em-coesia-171848.php>. Acesso em: 04 abr. 2020.

PEREIRA, Mariella Augusta. **A heteronímia: metamorfoses retórico-poéticas**. Ethos e pathos nas Ficções do interlúdio. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/53215368/2014_MariellaAugustaPereira_VCorr.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_heteronimia_metamorfoses_retorico-poet.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20200119%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20200119T152730Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=af250a9a10010f463f4b22a46336d19b035032f30c551340e0ceb669f7c24115. Acesso em: 04 jan. 2020.

PEREIRA, Mariella Augusta. O uso sublime de uma figura de linguagem e o pathos retórico de Alberto Caeiro. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 257-275, set./dez., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alea/v20n3/1807-0299-alea-20-03-257.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos**. Poesia de Alberto Caeiro. Sasseti, 1993. Disponível em: <http://ecrambooks.com.br/ebooks/ecrambooks/fpessoa/OGuardadordeRebanhos.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PESSOA, Fernando. **Odes de Ricardo Reis**. Lisboa: Ática, 1946.

PESSOA, Fernando. **Páginas íntimas e de auto-interpretação**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Ricardo Reis**. 2016.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. 15. ed. Lisboa: Ática, 1995.

PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. NBL Editora, 2009.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos**. Edições Vercial, 2017.

PIEPER, F. Experiência religiosa e linguagem. Considerações hermenêuticas. **Revista de Filosofia**, v.38, n.122, p.365-380, 2011.

POGGETTI, Caroline Rodrigues de Lima. **A construção dialógica de sentidos em discursos poéticos nos heterônimos de Fernando Pessoa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 94, 2019. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16435/1/000496767-Texto%2Bcompleto-0.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PROVINCIAATTO, Luís Gabriel. **Fé, poesia e pensamento como expressões do poetar: aproximações entre Alberto Caeiro e Martin Heidegger** | Faith, poetry and thought as expressions of poeting: convergences between Alberto Caeiro and Martin Heidegger. *Reflexão*, v. 44, p. 1-18, 2019. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/4463>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RAIMUNDO DE MORAES. Disponível em: http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/raimundo_de_moraes.html. Acesso em: 04 abr. 2020.

ROQUE, Maria de Fatima Palmela de Faria. **Misanthropia em Alberto Caeiro**. Curso de Doutorado em Estudos Portugueses. Seminário de Problemáticas em Estudos Portugueses. Janeiro de 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/2533393/Misanthropia_em_Alberto_Caeiro. Acesso em: 18 jun. 2020.

SAGRADA, Bíblia. tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, v. 2, 1969.

SANTOS, Maria Aucimara Ribeiro. **A Passagem do estado de natureza para a sociedade civil em Rousseau**. Monografia (Graduação em Filosofia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amorosa, p. 30, 2018. Disponível em: <http://200.128.85.17/bitstream/123456789/1367/1/Monografia%20AUCIMARA.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2019.

SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 10. Ed. Lisboa: Caminho, 1993.

SILVA, Antônio Carlos Braga. A literatura na era digital. In: **XII Congresso Internacional da ABRALIC**, UFPR–Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1118-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

SILVA, Nívia Maria Santos. **“EU, MODELO, MARTELO E MONUMENTO” Um estudo sobre a autofiguração em Bruno Tolentino**. Tese (Doutorado em Literatura Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 231, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/27549/1/TESE%20N%C3%8DVIA%20MARIA%20SANTOS%20SILVA%20-%20PPGLITCULT-UFBA%20-%20VERS%C3%83O%20DEFINITIVA.pdf>. Acesso em: 29 maio 2020.

SOUZA, Cláudia Franco. Friedrich Nietzsche & Alberto Caeiro: paganismo e linguagem. **Cadernos Nietzsche**, v. 36, n. 1, p. 245-265, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cniet/v36n1/2316-8242-cniet-36-01-00245.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SUSIN, André Luís. **Mímesis e tragédia em Platão e Aristóteles**. 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24846/000746122.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 abr. 2020.

TOLEDO, Alexandre Mauro. **Mímesis e tragédia na ética de Aristóteles'**. 2005. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ARBZ-854GXN/1/dissertacao_toledo_tudo.pdf. Acesso em: 18 dez. 2019.

VICENTE, Kyldes Batista. **Alberto Caeiro: o Mestre de Fernando Pessoa**. (EN)CENA. Disponível em: <https://encenasaudemental.com/series/serie-fernando-pessoa-e-seus-varios-eus/alberto-caeiro-o-mestre-de-fernando-pessoa/#:~:text=Para%20Caeiro%2C%20as%20coisas%20s%C3%A3o,e%20que%20percebemos%20pelos%20sentidos>. Acesso em: 09 jun. 2020.